A HORDA

a José Godinho.

Com amizade

Sá de Castro

João de Castro

RAINHA SANTA — elegia

A HORDA — tragedia

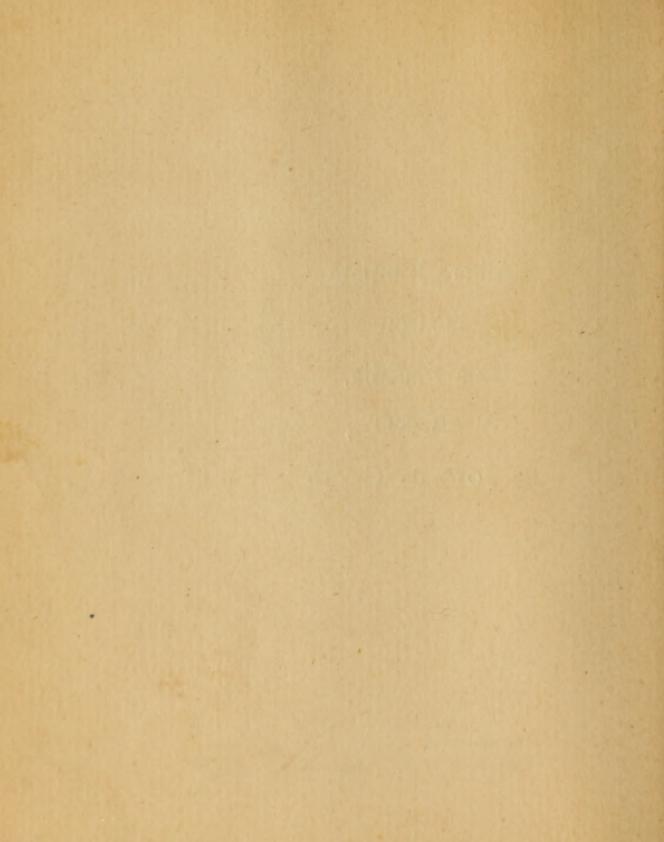
CAMILLO PESSANHA

A Invocação da figura do Poeta
e da figura da sua poesia.

ORAÇÃO no Juramento de Bandeiras

A HORDA

tragedia
de João de Castro

Albert Jourdain
ilustrou
esta tragedia,
A HORDA,
de João de Castro

PESSOAS DA TRAGEDIA

OS HEROÍS

TÉRAN
NELEM — a mulher
OM-TAH — o grande sacerdote
KZÚNI — outro sacerdote
OHOMS — o rei
OSROG
LUKTEB (o velho)
GAM
DAHARM
MOHOR
VADJAB
MOWN
VANHOM
TAMUR

AS MULTIDÕES

Em gritos isolados, em córos parciaes, ou em conjunto, uma massa de muitos milhares de figuras armadas, de figuras soluçantes, de figuras ameaçadoras ou miseraveis.

SACERDOTES
CHEFES GUERREIROS
HOMENS
MULHERES
VELHOS
CRIANÇAS

Dezenas de córos contraditorios erguendo-se em raiva ou confiança, em amor, em temor, em audacia, em loucura.

Caminhar!... Caminhar!...

ACTO PRIMEIRO

Manhã vaga e de nevoeiro luminoso.
O crescimento da luz é sensível momento a momento, quási palpável, na névoa.
A floresta profunda... extensa... interminável... fechada de árvores.
Numa clareira a Horda.
Míseras figuras, destacando-se aos poucos, esmagadas pela floresta.
Corpos cansados, lassos; expressões cansadas; uma extranha febre de esperança, de audácia, de mêdo, no olhar.
Ao fundo quási encoberto, o altar da Horda. Os sacerdotes, inclinados, vêem correr sôbre êle o sangue das vítimas. Homens armados, velhos, mulheres, crianças, em grandes grupos recolhidos e anciosos, mais á frente os chefes das familias e os chefes guerreiros, aguardam a resposta dos Deuses.
Passa na turba o último estremecimento das vitimas e a interrogação anciosa dos sacerdotes.
Quando êles se voltam e caminham para a Horda, a turba em côro entôa as palavras propiciatórias.

A TURBA

Que o Céu tenhá pena dos seus filhos
e deixe ajudar-nos o nosso grande pae O Sol!

Um recolhimento cavo

O GRANDE SACERDOTE

à frente do grupo dos sacerdotes e do Rei.

Homens!
O sangue correu;
os circulos tingiram-se de sangue;
mas o sangue afluiu todo
áquele que indica o caminho para onde o sol se põe.

A MULTIDÃO

inteira, em gritos discordantes

— Devemos marchar?
— Devemos continuar?
— Sempre! Sempre!
— A Marcha!!...

O GRANDE SACERDOTE

Homens!
o sangue indica o caminho!

E, como o sangue, a Horda correrá para a terra... lá...
onde, como êle, devemos parar.
Que nosso Pae o Sol nos mostre o caminho da sua terra!

Desoladas ou fortes, de reconfôrto ou audácia, todas as vozes da turba se juntam em côro

A TURBA

O Pae proteja os seus filhos!
Mostre-nos o seu caminho!
Tenha pena de nós o Grande Pae!

O GRANDE SACERDOTE

Homens! Devemos marchar!

VOZES DO GRUPO DOS CHEFES

Pae, diz-nos;
os homens que partiram mais à frente;
devem voltar, diz, devem voltar?

O GRANDE SACERDOTE

O Sangue tornou três vezes ao meio
e da primeira vez era pouco o que lá correu.

Os homens devem voltar,
em breve, muito em breve.
Mas o sangue correu mais duas vezes ao meio
e para voltar tingiu os circulos do gládio e da cruz.
Homens! êste sinal
não sei eu perceber!...

VOZES DA TURBA ARMADA

— E o fim, diz, quando chegarêmos ao fim?
— Quando chegaremos á terra prometida?
— Diz-nos, Pae, quando poderemos descansar?
— Quando será o fim da luta?
— Quando será o fim, diz, o fim?...

Os grupos agitam-se neste mêdo da marcha, neste terror da luta, nesta revolta de cansaço.
Os sacerdotes estão já entre os chefes e falam no meio da multidão anciosa.

O GRANDE SACERDOTE

O fim!
Não sei. O fim?
Para que quereis saber o fim?
O fim não é feito por nós, para que quereis sabê-lo?
Não é feito por nós! não se pode nem se deve saber.

O homem sôbre a terra só deve saber uma coisa:
o que hade fazer. O sangue o disse, homens,
lutar e marchar para o ocidente.

A TURBA

Mas quando chegaremos, Pae? Diz-nos o fim!...

O GRANDE SACERDOTE

Chegareis e deveis lutar para isso. Pois não basta?

A TURBA

em grandes córos e gritos isolados

— Mas morrerêmos antes!
— Nunca verei o lugar santo!
— Se môrro antes
para que hei-de lutar, para que hei-de marchar?
— Não, Pae, diz-nos o fim, ou não marchamos.
— Para quê sofrimentos,
os sofrimentos da marcha e da floresta?
— O fim,
para saber se o alcanço,
se devo sofrer para ser feliz!

O GRANDE SACERDOTE

É preciso marchar e ha um fim;
um fim de alegria, de vitória.
Sereis grandes, sereis felizes!
Quando?
Para quê saber quando?..
É medir o Destino pela vida dos homens.
E a floresta e o tempo são maiores do que a vida dos
homens.
A Horda chegará e será grande!
Os que morrerem antes serão felizes.

UM GUERREIRO

destacando-se, num grito de sofrimento e de luta.

Os que morrêrem antes morrem em sofrimento, Pae,
morrem mal.
Morrer em sofrimento!...

UM DOS CHEFES

hesitante

Sim, Pae, diz-nos o fim!
Para cada homem saber se deve lutar por êle!

TÉRAN

ao chefe

Acaso quando vais á caça, em bando,
com os teus companheiros,
sabes se serás dos que voltam,
dos que podem contar a luta, e o tamanho das feras,
e como morreram
os companheiros sacrificados?
Acaso o sabes?
Mas sabes que deves ir lutar com as feras para
viveres!
Sabes que deves marchar, que te importa saber se morres?
Queres acaso a vida sem a morte?
O sangue do Altar manda o sangue da Horda,
e o sangue da Horda manda o teu sangue.
Tens de perdê-lo? Que importa?
Mas o sangue da Horda correrá
pelos circulos do gládio e da cruz
para o circulo da terra, no ocidente.

O GRANDE SACERDOTE

Sim chefe! sim homens!
Téran falou com o seu coração,
que sabe sonhar a batalha,
e vencê-la, e cantá-la depois.
E' à Horda que os Deuses falam,

e não à tua vida, chefe,
e não à vossa vida, homens,
que, caíndo, uma árvore pode esmagar!

A TURBA

quebrada a revolta em sofrimento

Mas que será de nós?
Quem sabe o que está para alem!?
E quanto tempo havemos de sofrer!
E se morrerêmos no meio da floresta!?

ALGUNS HOMENS MAIS AFASTADOS

junto às arvores que caminham para ocidente, e que escutavam ha momentos, de repente gritam

Silêncio! Oiçam! Oiçam!
Os homens que estão ao longe de guarda, fazem sinal.

A TURBA

— Senhor, o que será?
— O inimigo?
— As feras?
— Oiçam! Oiçam!

Na clareira acalmada, por entre o contínuo rouquejar das árvores, ouvem-se, apagados, três pios de ave, longos, espaçados; depois um silêncio; e de novo o sinal mais próximo. Alguns guerreiros saem ao seu encontro.

A TURBA

estalando

Irmãos! Irmãos! É a gente que volta.
É a gente que foi para o ocidente
saber o caminho.

DO GRUPO DOS SACERDOTES

O teu sangue não mentiu Grande Pae!
Sejas louvado.

O GRANDE SACERDOTE

entôa a plangência dos homens:

Espírito do Céu, lembra-te.
Espírito da Terra, lembra-te.
Socorre o Homem, filho de Deus.
Que a tristeza do seu coração se vá.
Que a tristeza sôbre a sua cabeça se dissipe
como um orvalho noturno.

AS MULHERES E DEPOIS A TURBA TODA

— Quantos virão? Quantos terão morrido!
— E o que será de nós, Senhor?
— Quantos virão?!...

Ouvem-se gritos, perto, dos homens que veem da floresta e dos que foram a encontrá-los.

A TURBA

ululando contraditória

— Gritos de desgraça! Gritos de desgraça!
— Não, não, gritos de alegria.
São os nossos irmãos que voltam.
— Quem sabe se encontraram o caminho?
Se se pode passar alem
da floresta de arvores e de agua,
onde as folhas apodrecem... sôbre a agua?...
— Esperae! Esperae!
— Ei-los que veem, ei-los que veem,
os nossos irmãos!

Primeiro os gritos já distinctos na clareira; o rumor de passos próximos. A horda precipita-se, nos movimentos, nos gestos, no olhar. Desemboca da espessura das árvores um grupo grande de gente armada: os guerreiros de guarda e os que sairam ao seu encontro. No meio, rasgados, miseraveis, os farrapos encrustados de sangue velho, as mãos enclavinhadas nas lanças, amparados ou cambaleantes, quatro homens, olhos de espanto e mêdo: o resto da expedição.
A turba rompe num alarido alto e choroso de vozes enquanto os homens da expedição avançam para o grupo dos chefes e dos sacerdotes.
Vozes confusas, entrecortadas de lamentos, rasgadas de gritos.

A TURBA

—Desgraça! Desgraça!
—Os nossos irmãos morreram!
A floresta matou-os.
E estes voltam da morte, olhae, voltam dentre os mortos, olhae! olhae!
—Desgraça, desgraça!
—O céu não tem pena dos seus filhos.
—Voltam da morte. Desgraça!
—E' Vadjab! E' Vadjab! E os outros? Os outros?!...
Morreu. Ah! E Dohun?...

Os homens estão já defronte do grupo dos chefes e dos sacerdotes, dirigindo-se ao Grande Sacerdote e ao Rei. Os gritos continuam cavos, lentos.

AS MULHERES

Morreu, morreu!...

Os gritos das mulheres terminam inacabados em chôro.

A TURBA

Desgraça! Nunca mais levará os homens à batalha.
Morreu! morreu...

OHOMS — O REI

avançando, a lança alta, em gesto de comando

Silêncio, homens.
Deixae falar os irmãos que voltaram. Deixae que digam.

No silêncio de gritos, apenas os lamentos das mulheres e das crianças continuam abafados, resignados, quasi animais.

VADJAB

o chefe dos homens que voltam, num gesto desanimado, erguendo a lança.

Saude aos chefes do altar,
saude aos chefes da batalha,
saude ao Rei.

O GRANDE SACERDOTE

avançando em benção

Sejam bemvindos o chefe e os homens,
que voltam ao meio dos seus irmãos.
Só hoje viram os guerreiros da Horda?

VADJAB

o chefe da expedição

Não Pae!
Ha uma noite e um dia que vimos os nossos irmãos.
E só agora pudemos marchar para vós!
Pai, vinhamos a morrer do caminho!

A TURBA

num grande côro de ancioso tremôr

—Dizei! Dizei! E' sempre a floresta?
E para álem? Não ha um fim?
Não se podem passar as grandes águas quietas?
— E quando a terra sobe?!...
— Dizei! Dizei! Acaso se pode passar

a floresta que sobe para o céu!
Oh, dizei! Onde é que o céu toca na terra?

OHOMS—O REI

Socêgo homens impacientes e medrosos.
Silêncio.
E tu chefe diz-nos o que viram, para ocidente,
e como morreram os guerreiros que faltam!

TÉRAN

Chefe, tu soubeste vencer e voltar! diz;
ha um caminho para ocidente?

A TURBA

—Queremos saber os perigos, queremos saber os males.
—Conta a tua marcha, a marcha, conta!
E como morreram os nossos irmãos!

O REI

depois de um gesto de socêgo para Téran e os chefes guerreiros

Silêncio homens,
deixae falar o irmão que volta.
Chefe, conta a tua viagem para o ocidente
e os males que atravessaste.

TÉRAN

e alguns chefes guerreiros

E o caminho! Irmão!
O caminho!

O velho chefe os acalma com um gesto.
Cansado, depois febril, o chefe da expedição começa. Guerreiros, crianças, velhos, mulheres, todos ouvem, febris, espantados.

VADJAB

Homens!
Tu Pae e tu Rei, grande chefe, e vós chefes todos,
vós lembrais-vos da lua e do dia em que partimos.
Cinco dias e seis noites caminhámos
nas terras conhecidas, para ocidente.
Ao fim começámos a marchar na floresta das águas.
As águas estendem-se para o sul,
e nós pudemos caminhar
na terra encharcada e mole.
Mas a névoa e as aguas comeram alguns homens
e outros morreram, a tremer,
e parece que tinham o frio das águas quietas, dentro do corpo.

A MULTIDÃO

num grito mudo e lento

Oh! Oh! O Sol desampara os seus filhos.

VADJAB

Ali o Sol anda sempre acompanhado de um veu,
que parece dançar, dançar, sôbre as águas!
Já os homens iam cansados quando começámos a subir.
Ao fim de mais três sois
vimos aquela clareira de pedras descobertas
aonde os corvos vão todos juntar-se, quando,
com as suas azas negras, anunciam o tempo mau.

A TURBA

ululando baixo

A clareira dos corvos! A clareira dos corvos!

VADJAB

As árvores não deixavam ver para onde íamos,
mas de tanto subir os homens
começavam a murmurar:
«O Animal da noite vive na montanha!
Êle proteje as feras e é inimigo dos homens!
E nós vamos ao seu encontro!»

A floresta não acabava, e muitos homens morreram,
e todos começavam a temer atentar contra o Céu.

TÉRAN

num ímpeto

O Céu protege os fortes,
e só atenta contra Ele quem tem mêdo de o fazer.
O Céu!... os fortes caminham para êle.
São já do Sol, e vão juntar-se-lhe no Céu.
O Céu ha-de protegêr
os que realisam na terra a sua divindade.

VADJAB

Sim, Téran.
Tu és um grande guerreiro, um grande chefe!
Mas os homens iam cansados e o Céu não nos protegeu!
Tinham razão,
porque chegámos ao logar da floresta, donde se não pode
... donde é dificil passar!

A TURBA

E não tem fim a floresta! não tem fim!
Então a Terra que nos prometeste, Pae!
A Terra que tu esperavas, Rei,
e vós chefes,

e tu Téran que a cantavas,
a Terra para o ocidente, junto das grandes águas?...

O REI

Calai-vos homens! Deixae ouvir.
Fala, chefe.

TÉRAN

Diz-me, não viste caminho para avançar,
sempre, mais...
para ocidente?

UM DOS HOMENS DA EXPEDIÇÃO

num arranco de tortura

Vimos o fim do mundo, chefe, o fim de tudo!

A TURBA

no primeiro grito de terror impossível

— O fim de tudo!...
— Desgraça! Desgraça!
— Deixae dizer Vadjab!
— Fala! Fala!

OHOMS — O REI

Fala, chefe, diz o que viram.

VADJAB

Quando acabámos de subir
encontrámos uma floresta
que parecia toda fechada.
Os homens não queriam entrar, mas Dohun e eu
teimámos
Pouco caminho andariamos;
O ar era escuro, porque as árvores enlaçadas
não deixavam passar a luz.
Escura e fria a sombra.
Todos os pássaros fugiam daquele lugar;
não havia um.
Não havia feras. Não se ouvia o vento.
O vento nunca lá queria passar,
mas as árvores balouçavam-se por si.
Então os homens começaram a tremer e a dar grandes
gemidos,
vendo que estavam no Fim,
onde tudo tem mêdo de tocar.

OS HOMENS DA EXPEDIÇÃO

em gritos de pavôr, recordando

— E o sangue, chefe, e o sangue?...

Todas as árvores escorriam sangue!
— E vimos, vimos,
as arvores desenraízadas e caídas levantarem-se por si
— Toda a floresta parecia esbrazeada por um grande incêndio
e nós passavamos e não queimava.
— E vimos os Dragões que guardam a entrada da noite;
e a Serpente monstruosa,
a Serpente que saiu do limo das águas
e que devasta a terra.
— E os grandes gemidos, os grandes gemidos das pedras!...

A TURBA

tremendo

Desgraça! Desgraça! Pobres de nós!

OS CHEFES

Silêncio, homens, deixae ouvir Vadjab.

TÉRAN

Diz, chefe,
avançaste mais? O que viste?
Esse lugar terrível deve ser curto.
Para além deve estar a Terra Prometida!

VADJAB

Vimos que a terra começava a descer,
mas os homens disseram que era para a Grande Noite,
para o Fim de Tudo,
e não quizeram seguir.
Então Dóhun mandou-nos esperar e seguiu, só.
Passados três sóis voltou... e morreu...
mas disse que a terra descia,
com as arvores mais raras,
cortada por um grande rio,
e depois começava outra montanha maior e melhor.

TÉRAN

exaltado de orgulho e luta

Dóhun era um grande chefe.
Gloria! Gloria!
O Nosso Pae já o recebeu junto de si,
na Terra onde se deita todos os dias.

VADJAB

hesitante, no mêdo do inconcebível

Dóhun morreu logo que chegou;
e todos os homens disseram que êle
não voltava de outra terra, mas de entre os mortos.

OS OUTROS HOMENS DA EXPEDIÇÃO

Sim de entre os mortos, de entre os mortos.
A floresta não tem fim...
E' a Grande Noite!

A turba inteira, acabrunhada e raivosa, grita a revolta da impotência dos homens fracos contra os elementos esmagadores

A TURBA

— Miséria!
— Para isto nos criou o Céu!
— Miséria.
— Para sofrer, para sofrer, apenas!
— Malditos, malditos! As águas
são traiçoeiras ou arrebatadas!
A terra é dura, dura.
— Ei-la que chora, como no princípio do mundo,
quando o homem a cavava
e ela abria bôcas e gritava.
— Mas porque grita ela, se tudo cria e tudo ha-de comer?
— Somos malditos, malditos;
e a Terra comnosco e em tudo quanto fazêmos.
— Vivemos em sofrimento, nascemos em sofrimento,
os gritos são o nosso sustento. .
— A Terra fere-nos por todos os seus espinhos.

E até o Céu se abre em cóleras contra nós,
e ruge, e rasga-se de fogo,
e por êle ardem as grandes árvores
e os homens se abrazam.
— O Sol é luz. O Sol é claridade.
Porque acende os grandes incêndios?
— Miseráveis,
eis-nos fechados na floresta e a floresta mata-nos.
— Mas porque nos magôa a terra e todas as coisas
    que vivem,
se o homem é o seu filho que devia vir?
Se em seus sofrimentos e alegrias o sonharam?
Porque nos magôam, porquê?
— Nunca sairemos do horror... nunca... do sofrimento!
— O Céu desampara-nos! Maldito!

O GRANDE SACERDOTE

no meio dos gritos, do chôro da Horda, levantando a voz

Homens, insultais o Céu que tudo pode e é nosso pae.
Sofrei calados! Êle ha-de proteger-nos!

A TURBA

no delirio do mêdo, do esmagamento contínuo da vida

— Não, não!
Para que cria o Céu as grandes feras

mais fortes do que os homens?
Para que deixa matar os seus filhos pelos maus espíritos?
Para que deixa em cólera
o cão ravinhoso do Vento?
Para que deixa crescer tanto as águas no inverno?
— Para que deixa vir o lobo do Frio?
E depois o outro, peor, o da Fome...
E a Neve... diz... e o Escuro!?
— E a Chuva,
a mulher que passa, de pernas compridas,
para que nos deixa ás vezes tanto tempo
e outras volta sem cessar?
— Para que se zanga o Sol com os seus filhos
até lhes beber todas as águas, no verão,
e lhes queimar as hervas?!
Oh! porquê?...

TÉRAN

Homens,
pareceis mais fracos do que um bando de corvos,
que o vento dobrou, nas suas azas maiores,
e atirou a terra, sem poderem seguir!
Todo o vosso desejo é que o mundo seja fácil.
Grande aza a que não tem mêdo
dos ventos que a contrariam.
O Céu poz no nosso caminho os perigos
para os vencermos.

O valente não tem mêdo do mundo.
Cresceis talvez, em vós,
pela fôrça a que vos obriga!...

A TURBA

um côro, crescendo o seu clamor, na visão de um perigo maior

Mas porque criou o Céu a floresta,
e nos prometeu uma terra nova e não a dá?
Mas porque nos esmaga a floresta,
se o Nosso Pae nos criou da árvore antiga?

OUTRO CÔRO

na exaltação mortuária

— Para que fez o Céu esta floresta
e, para álem desta, outra, mais pequena,
mas que ninguêm atravessa sem morrer?...
Porquê essa outra floresta
para onde caminham, todos os dias,
isolados ou em grupos, os homens?
E para onde queria arrastar, de uma vez, a Horda!
—Mas, não ouviste?
lá as árvores gritam e gemem...
Mas o Nosso Pae tirou a fala ás árvores
para as podermos queimar sem nos comovermos!
O Nosso Pae tirou a fala ás coisas.

Mas lá gemem...
Deve ser o fim do mundo!
— E o que será de nós se as coisas sofrem,
se nós as sentimos sofrer?
O que poderemos fazer? O que poderemos fazer?
Como teremos a coragem de ser homens?
— Oh! Terror! Oh! Terror!
Porque vivemos quási na noite,
e caminhamos para a Grande Noite,
quando o nosso pae é o Sol?!...

TÉRAN

místico de orgulho e de poesia

O Sol não caminha para a noite, Irmãos?
O Sol nunca é vencido!
E' êle que marcha para a noite, continuamente!
Porque temeis a morte e falais da floresta, em que
homens e árvores estão mortos?!
O Homem deve caminhar como o Sol,
como o nosso Pae!
Homens, eu caminho satisfeito para a floresta
cujo nome é misterioso e triste;
para a Grande Noite.
Os valentes hão de lá ter um lugar para combater,
e os fracos para chorar.
Porque temeis a floresta e os seus perigos?

Porque temeis a outra, em que os perigos tambêm
são mortos?
Porque temeis fazer sofrer?
O Homem foi posto no mundo para viver.
E deram-lhe uma espada.
Porque ha-de sentar-se e esperar?
Porque ha de temer, na vida ou na morte?!
Porque não ha-de maguar... e passar? ..

ALGUNS CHEFES

e guerreiros novos, num impeto

Sim! Sim! o Céu é pae!
Ha-de proteger os seus filhos,
no escuro da noite ou no escuro da morte!
O Céu é pae, o Céu é pae!

TÉRAN

Irmãos,
o Homem esquece o perigo e os males
quando tem os olhos postos, só, no fim
a que deve chegar.

A TURBA

numa ância mixta de esperança e desalento

O Fim! O Fim!...

TÉRAN

Diz-nos Vadjab, grande chefe,
pode-se passar a floresta, para ocidente?

VADJAB

com um mixto da valentia do guerreiro e de hesitação do que viu

Sim, Téran,
se tu ousas passar contra os males que eu disse,
podes passar.
Não sabemos o que ha para álem senão por um morto!
Um homem que morreu,
quem sabe porquê?!... quem sabe porquê?!...
Ar de vivo! Ar de morto!...
Mas pode-se passar...
para o ocidente... ou para a Morte.

TÉRAN

Para o ocidente, Vadjab.

UM DOS HOMENS DA EXPEDIÇÃO

na exaltação do sofrimento

Para a Morte, chefe, para a Morte!

OUTRO

Não podes passar, chefe!
A floresta é a fronteira do mundo;
o caminho que o chefe morto andou desce para a Noite
e para os grandes castigos.

A MULTIDÃO

desvairada, ululando

O Céu mentiu!
não ha a terra do ocidente!
não ha Paz;
não ha fim do caminho e do sofrimento.

TÉRAN

O Céu não mentiu.
Êle só pode mentir nas coisas que oferece aos homens
não no que êles devem fazer.
Quem faz o caminho, que os homens devem percorrer?
São os homens que querem mentir a si próprios.
Que disse o sangue? — Homens,
caminhareis para o ocidente, sempre,
contra todos os inimigos e males,
e, depois da floresta, encontrareis a terra livre,
junto da água interminável! —
Acaso falaram os Deuses nos perigos?

Isso é deixado à fôrça dos homens para o julgar.
Quem sabe se é a fôrça dos homens, se é o perigo
que aumenta ou diminue!?

A TURBA

Mas a floresta não tem fim,
não tem fim, e mata-nos.

TÉRAN

O que sabeis vós, homens?
Porque o mêdo ou a morte vos cortam o caminho,
sabeis o que está para além?
Porque recuais ante a floresta?
Acaso tremeram os vossos corações
quando foi preciso combater as hordas, que nos fechavam o caminho?
Acaso tremeram, no dia da Grande Batalha,
quando o Sol morreu sobre um campo de mortos
e Tôhô, o Rei, com Êle,
a morrer e a beber o sangue dos inimigos?!
Então os corvos acorreram de toda a parte
a viver a alegria da Horda!
Tremeram os vossos corações quando entrámos na floresta,
acompanhados pelos grasnidos e pelas azas negras,
que vitoriavam os homens?

OS CHEFES GUERREIROS

no entusiasmo despertado soltam o grito de guerra barbaro

Ehô! Ehô! Vitória! Mata! Mata!

TÉRAN

Porque tremeis, homens, porquê?

A TURBA

esmagada peia visão do fim

E' o Destino dos Homens!
São os fados, que não se podem vencer!
Ah desgraça!
Negas os fados? Negas
que haja um fado que nos conduz?
Negas o Destino dos homens?

TÉRAN

Eu pouco sei, ó homens, eu pouco sei.
Mas porque pôs o Céu esta fatal vontade
em meu coração,
e no coração de todos os Homens?
Porquê esta vontade fatal de caminhar e de luta?
Onde estará a revelação do Céu?
Na vontade que se opõe ao Homem?

Ou na vontade do Homem,
despedaçada e contrariada?
Onde estará, mais verdadeiro, o Pae de todas as coisas?
Onde estará o Deus?
Eu não sei.
Incertas e tristes são as minhas lágrimas ou as minhas
alegrias...
O mundo é grande de mais para eu ter a certeza!
Eu não sei, ó homens, eu não sei.
Mas, se ha fados,
eu sei que também o Céu se manifesta
pela nossa luta.
Eu sei que o coração,
mesmo desgraçado e pequeno,
avança, sempre,
contra o Destino.
Eu não vejo os fados, ó homens, não vejo os fados,
mas sinto o coração!

A TURBA

Quem sabe? quem sabe?
o coração quere, é verdade...
mas talvez o Destino nos castigue.
Talvez seja esse o crime porque somos castigados.
Talvez sejam os fados
a única verdade.
Ah! quem sabe?

LUKTEB—O VELHO

Pois para que ha-de o homem matar-se
contra o muro, que os fados levantaram?
Oh! Oh! o meu coração é pequeno.
E a morte imensa...
E a viagem triste de mais...
Triste de mais: o meu coração é pequeno.

TÉRAN

raivoso de exaltação mística e combate

O meu coração é grande! grande! grande!
Se a Morte o abraçasse,
ah, quem sabe?
seria ela a aprender.
A Noite é enorme,
mas o que irá o Sol, quando mergulha,
mostrar-lhe de luz?!
Homens, porque temeis?

A TURBA

concentrada de terror divino

É a Noite, é a Morte.
Mas nunca se viu voltar o heroi
que para lá partiu!
E quem sabe o que haverá... lá...

MOHOR—O CHEFE

Quem sabe o que lá haverá?!
Eu espero que seja a maravilha.
Talvez seja a batalha contínua...
Vê o sangue do poente, Téran, vê!
Como o sangue escorre!
Talvez seja uma batalha contínua!.
Oh! é cheio de dôr...

TÉRAN

sonhando

O Céu é dos herois, sim!
Porque não hão-de os gládios continuar talhando a vida?
E não seremos homens, mas herois!

MOHOR

n um extase

Oh! Herois! junto do Sol!

VANHOM—UM CHEFE

Mas não haverá fogueiras,
onde se acolham os homens da grande noite em tôrno!
Será a grande escuridão, sem fim,
em que irêmos acossados
como os pássaros na tormenta.

MOWN

E sós, sós, na escuridão.
Quem poderá dízer, que encontra as vozes dos companheiros?
Mas só choros, ranger de dentes e gritos de aflição.
Oh! sós, na grande sombra!...

KZÚNI—O SACERDOTE

Ah! porque volta para traz o coração ancioso?
(Apenas vai para deante o corpo!)
E' como um pano a acenar...
... levado contra o vento!...

TÉRAN

O homem lembra-se do que já venceu para descançar!
Na luta vai o homem;
volta para traz o coração ancioso...
para a paz...
Mas será o nosso destino descançar,
junto das fogueiras, na paz da Horda?
Vós lembrais isso no combate, ó homens!
Descançai em paz! descançai em paz!
Porque se volta então o coração ancioso
para a luta, para o caminho?
Porque ancioso marcha contra o vento?

MOHOR

baixo e lento, místico

Para o maior combate. Oh! maravilha.

TÉRAN

O' homens, qual dos vossos desejos será o verdadeiro?
O que nasce na fôrça, ou o que o cansaço põe em
vossos corações?
Não penseis no vento, que sopra de todos os lados!
O vosso desejo é o vosso destino.
O' homens, decidi!

VANHOM

Um momento, à luz sangrenta do Sol,
ou à luz da Noite, branca,
fazem os homens brilhar os gládios.
Mas a escuridão é em torno dos Homens;
a escuridão, a toda a volta!
Ai daquele que se precipita e não sabe o limite.
A escuridão o arrasta.

A TURBA

Sim! Sim! Para quê? A noite nos arrasta!

TÉRAN

exaltado

Acaso não morrem os que estão parados e esperam?
A Escuridão caminha tambêm!
E se vos alcança, ai de vós;
morrerá o socegado e fraco mais depressa
do que o que se atirou à batalha!
A Escuridão caminha.
Ei-la. Ei-la que vem.
Oiçam-lhe os passos, oiçam;
cheirem-lhe o halito no ar!

As palavras de Téran tornam presentes, irresistíveis, a noite e o mêdo e a grande morte. A clareira da floresta, a planicie, o mundo inteiro tornou-se de repente, tão inseguro, tão frágil, tão medrôso e triste como a floresta fantástica, como a agitação das sombras na noite eterna. A Horda agita-se, olhos esgazeados, vendo em roda o fantasma que vai surgir. A fatalidade alargou-se no mundo, fez-se presente a todos os gestos.
... Gemido surdo e contínuo de pavôr ...

TÉRAN

a exaltação da morte e do orgulho nos olhos.

Oh! Oh! Homens! A Sombra! A Sombra!
Ela ahi vem,
já perto! já perto!

A Escuridão! A Escuridão...
E vós ides ficar parados!
Já vos alcança

apontando em delirio

Ali!... Ali!... A Sombra!!
Oh! Homens! Oh!!

Fica hirto quási, a olhar, a olhar... Uma explosão de gritos, de clamôres, de choros, rasga a Horda e atira-a sôbre a terra em convulsões. A morte tornou-se-lhe palpável.—Ali!... Oh!... Oh!—vêem o fim imediato, o fim-eternidade.

O GRANDE CORO DA DESGRAÇA ETERNA

Perdão! Perdão! Senhor! Perdão!
Ah Desgraça! Desgraça!
Miséria triste!
Desgraça, ah, Desgraça!

TÉRAN

contraido num sarcasmo alto e vibrante

Homens!
espera-la-heis de rôjo, a chorar? anh... a chorar?
A sombra não se comove, oh homens!
não saberá comover-se!

O CORO DA DESGRAÇA

É o fim do mundo! É o fim do mundo.
O dia vai abismar-se na bôca da Noite.
A Noite vai crescer sôbre o dia!
— Mas porque persegue Ela o Sol se o chora, e por
Ele se corôa de flores?
Oh! a viuva, toda de luto vestida!
— A Noite engulirá a terra em que vivem os homens...
Para aumentar a terra da Noite.

TÉRAN

em sarcasmo

Oh Homens, para onde caminhareis vós?!

A HORDA

delirando, trágica

— Fugir! Fugir!
A Escuridão não deixa fugir!
Ei-la que vem! Ei-la que vem!
— Vôa sem ninguêm a vêr. Ha um ar de dia,
mas é o comêço da noite eterna.
— Fugir! Fugir!

OS SACERDOTES EM CORO

arrastados na dôr, na amargura, no grande grito da Horda.

Ó Sol! Perdão! Perdão! Ó Rei de tudo, Ó Sol!

A TURBA

incerta de pavor

É preciso caminhar! É preciso caminhar.
A Sombra vem, e vai-nos engulir na sua noite!

O GRANDE SACERDOTE

hesitante de angustia mas deixando dominar a pouco e pouco a fé.

A Sombra ameaça-nos... ali... Oh...
Em toda a parte a vida é inquieta!
Em toda a parte!
Os que esperam sentados morrem.
Os que se atiram ao combate morrem.
Nunca se sabe para onde sopra o Grande Vento a
sombra!
Soccgai!... Oh!...
Os que vivem são os que caminham mais depressa do
que ela n'um momento,
ainda que se julguem parados e mansos
como as águas quietas!
É preciso caminhar, ao acaso, ao acaso,

mas caminhar!
Os altares não sabem vencer a Sombra,
mas indicam os caminhos de um dia,
oh homens, de um dia mais!

A TURBA

Sim, sim, fugir á escuridão:
caminhar!

O GRANDE SACERDOTE

jà arrastado na grande fé

A luz do nosso Pae caminha. A sombra caminha.
Ó homens, é o nosso destino!

TÉRAN

extatico de misticismo, a descobrir em si a própria alma, desconhecida, e frágil, e tremente, mas de orgulho humano ilimitado.

O Destino do Homem! Caminhar!...
A verdade do Homem? A verdade?...
Mas está nêle! Oh, nêle!
Esperar o quê? o quê?!
Ah, não entendo!
Eu vejo o homem quando marcha sôbre a planicie,
não quando dorme contra a terra.
Quando durmo esqueço-me de mim.

Sou outro? Ou ninguêm, talvez!...
Mas na luta sinto-me, sou homem, sinto-me,
sou eu: o Homem.
Eu Téran, eu, feito chefe
sôbre um trôno de cem homens mortos por minhas
mãos!

A Horda escutou extática como uma revelação incompreensível. Mas a fôrça e a esperança de Téran vibraram nela tambem.

OS CHEFES

junto de Téran, erguendo as lanças.

Téran é grande. Téran é um grande chefe.

TÉRAN

Porque tremeis, homens, porquê?
É preciso caminhar!

OHOMS — O REI

Téran o disse: é preciso caminhar.
Que a Horda decida!

O GRANDE SACERDOTE

O sangue sôbre o altar decidiu por vós!

A MULTIDÃO

de novo arrebatada

Nunca! Nunca! É a morte.
Antes voltar, sim, antes os países que conhecemos, antes voltar!
Antes a Paz, ao longe, na planicie.

LUKTEB—O VELHO

reflexivo, sem os instintos de energia e de luta, sem o génio; meditação.

Os nossos olhos deviam estar sempre voltados para o passado.
De que nos serviu pensar no futuro a realizar?
O Homem deve viver olhando para o passado.
Só o passado lhe pertence!
Perdêmo-nos
pelo sonho do futuro!

TÉRAN

o génio, o instinto de criação; sem meditar no sofrimento e na tragédia que o acompanha.

De que vos serve viver
se não pensais
no que podeis, ou não, realizar no futuro?
O Homem é maior do que o momento.

Prolonga-se.
Não ha presente. Tudo é passado ou futuro.
Mas o homem só vive de futurar o seu sonho e a
sua luta.
O que é o passado?
A paz conhecida, onde vamos descançar.
Aonde vamos exaltar-nos ao vêr o futuro ainda sonho
e longe.
Mas o futuro é a batalha.
É todo o Homem, todo!
A paz está fóra já, de nós.

LUKTEB — O VELHO

a sua meditação de dôr sobrepondo-se ao destino humano.

Sim é a Paz! Devemos querer a Paz,
e não o combate.
Homens ruidos de agitação porque não socegais?
Pensai na Tristeza!...

IÉRAN

Negas a vida, ó velho!
O sol te castiga se apagas
todo o lume com água;
o que te fará
se com lágrimas apagas todo o lume dos Homens?

LUKTEB — O VELHO

Nós vivíamos em paz, ó Homens!
A terra nunca deixou
de dar o pão de cada dia.
Os homens trabalhavam a terra e defendiam-na;
eram fortes e bons.
Mas o vosso coração agitado desejou mais.
Porquê, porquê, ó homens?
O homem mais junto da terra é o melhor!
Os homens degeneraram.
Desejámos:
foi a nossa perdição.
Vêde ao que nos trouxe o caminho,
vêde a que estamos reduzidos!

A MULTIDÃO

informe

Perdidos! Perdidos! Antes a terra, a terra pobre,
a oriente.

LUKTEB—O VELHO

Homens,
voltai á paz e ao trabalho da terra.
Não desejeis!
Para quê desejos, para quê ambições, para quê ser
grande?

numa grande exaltação do génio humano e do seu esfôrço doloroso e criador

O' coração vil que se falseia aquele
que baixa o instinto do homem.
O Homem não é o escravo da terra nem da vida;
mas elas os escravos,
que o deixam caminhar e vencer.
Desejar, querer tudo!
O Homem mais perto da terra é aquele
que o seu coração manda ser escravo.
Degeneram os homens, degeneram os homens
se apenas querem trabalhar a terra!
O Homem é filho da batalha.
No que sentes o Homem, ó velho? na ambição ou no
 socêgo?...
Assim como o lume é quente
o homem é ambicioso e feito para a luta.
O lume saiu da bôca do Sol no princípio do mundo.
O Homem saiu do Sol
que o criou da terra e do mar e lhe deu o seu fogo.
Podes emendar o lume ou o homem?
Queres negar o Eterno?
Queres que o Homem não se eleve sôbre a terra?
O Lume é a face de Deus.
O Homem é o coração de Deus!
Para que nos fez o Eterno

maiores do que todas as coisas,
senão para esmagarmos a vida?
A paz, a paz, o que é a paz?
Cansaço, nos novos ou nos velhos!
O Gládio não vale nada,
mas o rasto que ele deixa!...
O que conserva mais o gládio, ó velho?
ou estar quieto e esquecido,
ou os combates que o afiam
no sangue dos inimigos?
Como se torna maior o Homem, ó velho?!
Qual é o Homem melhor?

LUKTEB—O VELHO

apenas o desanimo do inalcançado e do sofrimento

O' chefe tu deliras! Cansaço, sim, cansaço.
O que é o homem sôbre a terra?
Um cansaço. Apenas, ó chefe, apenas isto.
Pois já alguem conseguiu
alcançar o fim do seu sonho?
Um cansaço,
mais próximo ou mais longínquo.

TÉRAN

E quem te diz, ó velho,
que não é esse longe o nosso fim?

LUKTEB—O VELHO

Ah! tu deliras!
Pois não é o nosso fado
como o fado do salgueiro,
que protestou chegar ao Céu,
e, por castigo,
quanto mais cresce mais dobra para o chão?...

TÉRAN

Para que nos poz então o Céu ao alto os olhos
para olharem as alturas?
O filho da Terra foi castigado por querer ser como o filho do Céu.
Mas o que somos nós?
Não é esta vontade dolorosa de marchar?
Não é este desejo o homem?
Escuta o misterio dos desejos, velho.
Não ha um espírito fechado em cada homem,
e que se precipita, para subir?
O que é o sofrimento ao pé do mal desta sufocação?
O', homens, esquecei, esquecei, o medo que vos fala!
Que a tristeza caia, assim como o vento rápido!
E' preciso lutar.
Venceremos. Vamos para ocidente.
O Altar falou.

A MULTIDÃO

alucinada pelo mêdo do caminho irreal e trágico

O' chefe é preciso caminhar.
Mas o ocidente é a morte,
é a floresta da sombra, é a morte.

O GRANDE SACERDOTE

O' homens, lembrai-vos do Altar!

A MULTIDÃO

Mas tu ouviste, tu ouviste! E' a morte que nos espera,
a morte nos tormentos!

hesitantes:

Venceremos o caminho já andado...

O GRANDE SACERDOTE

Esqueceis as luas que se sucederam ás luas marchando
na floresta.
Esqueceis que as terras da planicie
não vos dão o que desejais
e que para alem ha terras melhores!

A MULTIDÃO

Não importa, não importa, voltamos!
O' Pae, é melhor voltar.

O GRANDE SACERDOTE

Esqueceis os invernos, quando vem o frio e a fome!

A MULTIDÃO

de novo quebrada e ululante de medo

Miseria! Miseria!
Nós eramos felizes! E agora eis-nos desgraçados,
ah desgraçados, a caminhar para a Sombra!

TÉRAN

Porque dizeis isso, homens?
Já as palavras do cansaço
e do sofrimento
teem mais força que as palavras do altar?

OS HOMENS DA EXPEDIÇÃO

clamando

Nós vimos, chefe, nós vimos,
as terras que tremem e choram,

as arvores imensas que tremem
só com a passagem da Sombra.

TÉRAN

Calai-vos, homens! Vadjab falou da morte e dos perigos
mas não disse
que não se podia passar.
E Dóhun o que disse, para virem contar á Horda?
«Para além o caminho é mais facil
e deve estar o país que procuramos!»
Falou ele na Sombra?

UM HOMEM DA EXPEDIÇÃO

Não passarás, chefe.
As terras correrão sobre ti com grandes gritos.
As arvores dançarão em roda de ti,
de tal forma, de tal forma,
que tu não mais saberás para onde fica o sitio
onde o Sol se põe, para onde fica o sitio
onde o Sol aparece primeiro.

OS OUTROS

Assim é, assim é, chefe!

A multidão alucinada exclama e geme.

TÉRAN

num grito

Silencio, homens!
Não podem os vossos lamentos calar o sangue, que manda!
O Altar o disse: pode-se passar!

A MULTIDÃO

alucinada

Não ha altar, não ha altar! O sangue mente.

OS SACERDOTES

clamam o assombro e o medo do divino; uns atiram-se ao chão ululando, outros desesperam-se, outros gritam para o Céu

Perdão! Perdão! Senhor! Não nos mateis,
não vingueis sobre a Horda
a sua loucura.
Ah! Perdão! Perdão!

O GRANDE SACERDOTE

Homens chorai o vosso crime, ah! chorai.

A MULTIDÃO

desvairada

— Foste tu, foste tu, que nos enganaste,
que nos trouxeste para a floresta.
— Enganaram-nos, perderam-nos com os seus feitiços,
maldição, maldição!

TÉRAN

Quem vos ensinou a lêr no sangue
que corre sobre o altar?!
Quem vos deu o entender as palavras do Sol,
atravez do seu sangue da terra?
Não entendeis: temei e respeitai!

A TURBA

num côro alucinado de revolta contra o Céu

Não ha Altar. O Altar mentiu.
O que ha é a morte. A morte! A morte, em frente
de nós!

TÉRAN

Ai de vós se vos revoltais!
Só se atreva a destruir um Altar
aquele que póde fazer um Altar maior.

Podeis vós fazê-lo? Podeis?
Ai de vós miseraveis, fracos; a vossa fraqueza
vos levanta contra o Altar.
Mas ficareis mais fracos.
Todas as ideias criadas na fraqueza
são miseraveis, todas, todas, e falsas!
As ideias criadas no mêdo!
Ah fracos, porque ousais contra o Altar?

ALGUNS HOMENS DA MULTIDÃO

Abaixo, tu! Tu que cantaste o gládio como um Deus!
e falas de ti como de nosso Pae o Sol!
Tu que não temes a Sombra!

OS CHEFES FIEIS

vibrando no amor da pessoa e no odio cego do ataque ao seu entusiasmo

Miseraveis! Morte! Morte!
Ousam atacar os Deuses!
Ousam atacar o Chefe, o grande, o heroi!

Esboçam ameaçadores um movimento para a multidão.

OHOMS

Acalmai-vos, homens!

VOZES NA TURBA

Sim, tu,
que imaginas vencer a Floresta da Morte
e que esperas ir morar junto do Sol!

Os chefes de Téran levantam as lanças, movimentam-se raivosos.

TÉRAN

concentrado de exaltação e mistico orgulho

Que sabeis vós, homens?
Quem vos disse
que eu não serei um dia irmão do Sol?

A turba tem um rumor longo em que ha incredula ameaça e raiva contra o sacrilego, mas tambem, já, crença, adoração, inconsciente certeza.

TÉRAN

Mas eu sou forte,
e é como forte que penso!
E a minha fôrça e a minha ideia vão-se unir ao Altar,
não destrui-lo.
E vós fracos, vós ousais!?

A TURBA

revoltada

O sangue mentiu-nos! Para que sèrve o Altar,
se nos conduz à desgraça e à miseria?

TÉRAN

O sangue não mente! O Sol conduz os seus filhos!
O castigo sôbre vós será peor
do que a Sombra que temeis.

A MULTIDÃO

ainda teimando, acobardada

Não se pode passar. É a morte!

TÉRAN

O Sangue caia sôbre aquele que tente negá-lo.

UM HOMEM DA EXPEDIÇÃO

hesitante

Chefe...

TÉRAN

Seja a morte no teu coração, se negas a vida,
a noite nos teus olhos,
se desprezas o Sol!
Homens,
o caminho para o ocidente é cheio de perigos
mas não é a noite.
Homens,
para lá os nossos passos vão com o Sol!

OS CHEFES DE TÉRAN

alguns outros chefes e guerreiros

Sim para ocidente.
Téran tem razão.
Téran é chefe!

O GRANDE SACERDOTE

Que a Horda escute as palavras de Téran.
Eis que eu entendo o mistério;
e já vejo o sangue caminhar;
pelo circulo do gládio, outra vez para o ocidente.
Sempre para o ocidente!

A MULTIDÃO

hesitante e medrosa

Chefe,

e os perigos? e a floresta?!
E a morte que nos espera?!...

TÉRAN

Nós os venceremos homens, o Sol
porá no nosso caminho o bem e o mal,
mas o Homem é maior do que um e outro.
E o Sol protegerá o seu filho,
mais querido que a floresta e as aguas.

O GRANDE SACERDOTE

Vejo os sinais sôbre a tua fronte!
oh! mas que não sejas tu a cruz,
por onde o sangue tem de passar!

TÉRAN

Ohôms!, ó Rei! Abrirás tu o caminho para o ocidente.
Diz, grande chefe, diz á Horda
que déve caminhar para lá.

OHOMS

hesitante

Será morrer! a floresta é o fim.
Não sabemos

o que ha para alem da Floresta da Sombra.
Se tivermos de voltar, que faremos então?

TÉRAN

Acaso tens mêdo, Rei?

OHOMS

Num arremesso de ataque

Não, chefe,
mas ha perigos maiores do que o homem!

TÉRAN

Ha tambem homens maiores do que todos os perigos.
É preciso marchar!

OHOMS

Não sabemos o que ha a ocidente...

TÉRAN

uma indignação altiva e orgulhosa e um despreso crescente

Não o sabes tu, Rei?! Não o sabes?
És tu que negas o sangue? és tu que negas
o sonho da Horda?

és tu que negas o seu destino?
Esqueces-te.
És um chefe que nada merece, não és o Rei!

OHOMS

exaltado num arremesso de mando

Silencio, chefe!

Os guerreiros agitam-se hesitantes, sacudidos pela luta, mas sem decisão, apenas por ela arrastados.

TÉRAN

orgulhoso de audacia e despreso

Não és o Rei!
Não sabemos o fim!? não sabemos o fim?
Tu é que não bastas já para êle, chefe!

O Rei exclama e vibra, num mixto de abatimento intimo e raiva e desejo de vingança, contra o sonho que não entende e o esmaga,—o sonho de outro chefe.

TÉRAN

Quem deve saber o fim?

O chefe é aquele que sabe o fim, alem, muito alem da sua Horda,
e o quer vencer e o alcança.
O que é um Rei,
quando a Horda tem um sonho maior do que o seu?
Miseria! Miseria! Um escravo ou um algoz inimigo!
Queres sêr o escravo, oh Rei,
e marchar com a Horda para ocidente?

OHOMS

A Horda decidirá contra mim ou morrerás!

TÉRAN

em sarcasmo

Boas palavras chefe! És quasi um Rei, sim és quasi...
Foste feito Rei
por matar mais inimigos que qualquer chefe.
Sim, foste o maior na Grande Batalha... depois de Tôhô

OHOMS

num sarcasmo amargo e quasi triste mas raivoso

E depois de Téran!

TÉRAN

firme e crescendo iluminado

E depois de Téran, sim!
que então era apenas um guerreiro

filho de um grande chefe!
Sabes matar, sabes vencer na batalha, mas não sabes vencer a floresta!
Mas sabes tu o destino da Horda?
Já o sonhaste? Já o quizeste no teu coração?!...
És um soldado, Ohoms! não és um Rei.
Contra quem déves combater, chefe, contra quem?
Onde está o teu sonho?
A Horda téme a sombra impossivel mas sonha!
E tu, ó chefe, és mais fraco
do que o sonho inconstante e tremente da Horda.
E o que fará ela, o que fará a Horda,
se o seu sonho é maior do que o teu?
O que fará a Horda
quando o Rei é inferior á sua vontade e á sua esperança incerta?
Deve submeter-se á inferioridade, ó Rei?
Homens,
vós deveis inteira obediencia a um chefe, sempre;
e é preciso que ele não viva do acaso da vossa vontade tumultuaria!
Mas ha momentos
em que o Céu póde falar pelos vossos gritos.
O que vos põe acima ou abaixo da obediencia é a grandeza do sonho.
Escutai o vosso sonho, ó homens, escutai!
Deveis obediencia ao Rei!
Mas o que é um Rei, ó homens?

E' o maior dos chefes da Horda, o que tem o sonho
maior.
Assim o Céu marca o seu filho com um sinal divino,
já não animal, mas celeste!
O' homens procurai!
Precisais de um grande sonho e de uma grande confiança. Procurai.
Precisais de um chefe.

VOZES NA TURBA

muitos guerreiros e os chefes de Téran

Queremos um chefe. Queremos um chefe.
Queremos o mais forte para Rei!

TÉRAN

O' Rei, escuta os Homens! Que farás?
Se o teu coração ondeia como a multidão,
se o teu sonho é mais mesquinho do que os seus
tumultos,
mais rapido no ar do que os seus gritos!?

OHOMS

raivoso e em sarcasmo

E o teu sonho, Téran, é tão grande
como a força do teu gládio!?

TÈRAN

Enorme chefe. Enorme!
Maior do que ele ainda, oh, maior!
Maior do que a minha força.
E que farás tu, ó Rei,
se na tua Horda aparece um chefe com o sonho maior
do que o teu?!
Serás o soldado dele, oh, apenas o seu soldado!
O que é ser Rei, ó homens, o que é ser Rei?
Vós lhe deveis toda a obediencia,
vós lhe deveis a inteira confiança.
E o que pedis, ó homens, o que pedis?
Que ele sonhe o que vós não sonhais;
veja alem do caminho
o que vós não podeis vêr.
Que ele saiba sonhar e querer.
E vós sereis a vida que realisa o seu sonho!
O' homens, este é o Rei.

OS CHEFES DE TÉRAN E OS GUERREIROS NA MULTIDÃO

arrastados pelo entusiasmo

Esse é o Rei! Esse é o Rei!
Viva o grande Rei!
Só é Rei o que é grande...
Queremos um Rei maior do que nós!
Esse é o Rei.

TÉRAN

E tu, chefe, o que farás
se um homem da Horda sonha mais e quere com mais
força do que tu?!
Serás o escravo dele?
Ou serás o inimigo da Horda, impedindo
aquele guia que a leve
para outro caminho e maior força?
O' chefe, serás o escravo ou o algoz!
O' Rei, marcharás para o ocidente?

OHOMS

sombrio de raiva

Queres perder a Horda!...

TÉRAN

iluminado

E o que fará um chefe cujo sonho
imperiosamente o ponha acima do Rei?
Deixará dominá-lo o destino das coisas paradas,
ou imporá o seu destino novo?
Se o Céu o marcou...
O que deve ele respeitar acima do Céu?
A que deve obedecer mais do que ao seu sonho?
Deverá subjugar o seu sonho.

fazê-lo obedecer ao incerto?
Ah, nunca, nunca!
Só ele deverá ser o Rei.
Ninguem atraiçôe o sonho; antes morra.
Antes ele se perca inutil como os sonhos
do descanço noturno.
Ah! deve saber fazer-se Rei.
Saiba sobrepor-se á Horda;
não admita outro chefe;
faça cumprir o seu sonho; seja Rei.

OHOMS

aterrado, indeciso ante o que não compreende, este orgulho que se grita feroz e divino. A sua raiva diminue-se de incerto.

Tu perderás a Horda; os teus sonhos são funestos.
Arrastarás a Horda ao caminho e á morte.
E's perigoso. E's funesto...
Perderás a Horda!

ALGUNS GRITOS

fracos e anciosos, na multidão

A Horda perder-se-ha! Sim! Sim!
Salva-nos Ohoms; salva-nos ó Rei. Salva-nos.
Conduz-nos ás terras conhecidas,
de onde nunca devia-mos têr saído!
Ás terras conhecidas...

TÉRAN

num grande sarcasmo de chefe

Ah! Ah! Eis-te o Rei dos mêdos;
o Rei dos que querem ficar no socêgo dos lares!
Podes esperar a Sombra, dar-te-has bem com ela!...

num gesto de comando

O caminho é para ocidente!
Chefe, não sabes conduzir-nos?

ALGUNS GUERREIROS

arrastados pelo heroi; os seus companheiros quasi misticamente

Conduz-nos tu, Téran, conduz-nos.
Tu és grande. Tu sabes o caminho.

TÉRAN

Sim, chefes, eu serei o guia.

voltando-se para a Horda, num grande gesto de posse

Homens, sou eu o Rei!

A Horda hesita arrastada.

OS CHEFES

numa grande aclamação de triunfo

Sim! Sim. És o Rei. Ehô, ehô, o Rei!

TÉRAN

num entusiasmo de orgulho e fé

Homens, eu vejo, eu vejo, o País a ocidente.
Homens, eu sei o caminho!
Eu vos levo, homens! Quereis marchar comigo?
Chegaremos à Grande Terra;
O nosso Pae para lá caminha.
É a terra santa. É a terra santa. É a terra do sol!
Homens, a caminho!

A MULTIDÃO

desvairada de esperança, de orgulho, de certeza no heroi; arrastada; esquecidos todos os perigos, a ameaça infinita, a sombra da Grande Noite

— Sim. Téran é o chefe de todos!
Téran é o Rei. E' grande. E' grande. E' Rei.
— Conduz-nos, ó grande Rei.
Dá-nos a terra que queremos, Téran!
Leva-nos junto do mar, a ocidente.
— O' chefe, tu és o Rei.

UMA GRANDE PARTE DA MULTIDÃO

hesitante mas já quasi arrastada no sonho geral

Vai-nos perder, Senhor, vai-nos perder.

OUTRA

Téran é chefe, Téran é chefe!

TÉRAN

Quem me ajuda a bater os que não andam?
Ah, azorragai os fracos, azorragai.
São os inimigos.
Oh! matai-os, mais depressa se libertarão
do mundo que os oprime.
Homens, ireis comigo!

O entusiasmo heroico domina tudo; os homens agitam-se num delírio; é outra alma que vibra neles.

A MULTIDÃO

— O' Rei, iremos contigo!
— Sim, Téran é invencivel, iremos com ele para toda
a parte.

OS CHEFES

O' Rei leva-nos á morte, seguir-te-hemos a combater!

AS MULHERES

Damos-te os nossos filhos, Téran.
Nós os levaremos
para teres homens teus, lá, na Grande Terra!
Iremos de rastos sobre os teus passos, ó Téran, ó heroi!

NELEM

E's o heroi, és o heroi, és belo, és grande, senhor!

OS HOMENS

O' Téran, és o Rei,
manda. Seguir-te-hemos, ó Rei.

O GRANDE SACERDOTE

Téran é o grande gladio da Horda!
Téran é o chefe da Horda.
O sangue o marcou:
Téran é o chefe do altar.
Irmãos,
o sangue do Sol corre sôbre êle agora pára voltar á sua terra!
Eu vejo o que vós ainda não podeis ver, Homens!
Ó Rei eu te obedeço e te adoro. Ó Rei, sou o teu sacerdote.

À MULTIDÃO

Nós te obedecemos, nós te obedecemos, ó Rei!

TÉRAN

Vós lutareis sem descanço e o vosso sonho se fará!
Ó homens, eis as palavras do Sol.
Eis que o sangue corre, Homens,
deante da sua marcha o que valem os perigos e os
males?
Ó homens, a caminho!

A MULTIDÃO

A caminho! A caminho!

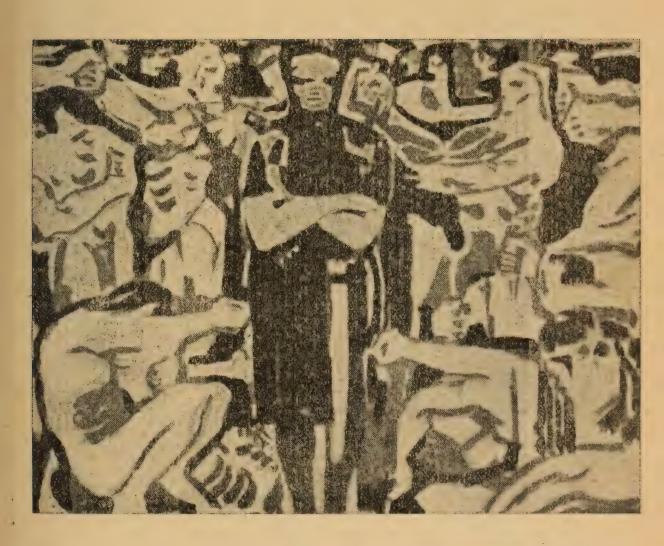
TÈRAN

marchando já para o meio da Horda, a arrasta-la na marcha infindável que principia

Levantai o altar!
Irá deitar-se junto do Sol!
Segui-me! Segui-me!
Para a frente. Sempre. Sempre...
Ó homens, caminhar!

A HORDA

movimentando-se, numa exclamação formidável, mistica, irresistivel

Caminhar!... Caminhar!...

...a raiva, o sarcasmo baixo, o insulto, que as forças eternas, inatacáveis, embora sempre inferiorizadas e dominadas, teem em si contra os herois.

ACTO SEGUNDO

Chão descoberto e sêco. Para ocidente o começo da floresta, outra, a mesma de sempre, que se adivinha longa, feroz, tôrva de perigos novos.
A noite pesando sôbre o clarão sanguineo das fogueiras!
As chamas marcam um semi-circulo enorme protegendo a direita e a rètaguarda da Horda. Para a esquerda abre-se em negro o desconhecido da floresta. Logo á frente, muito para a direita, Téran e os seus chefes. Para trás o começo do acampamento que mal se percebe; alguns grupos de mulheres, e velhos, e crianças. Á esquerda, muito ao fundo, quási perdida na sombra, a turba enorme.
O sentido da noite entra em todos: espectante, incerta, pesadissima de fatalidade, cortada pelo fogo como por uma grande ternura viva.
O cansaço, o destino misterioso, e, como força humana, a humildade das fogueiras na noite enorme.

A ideia da turba, cansada, recolhida e tôrva e ameaçadora, domina o grupo dos chefes e dos sacerdotes que rodeiam Téran. È uma fata-

lidade humana abatendo a esperança, os sonhos, a energia dos herois. É a incapacidade de acção da Horda a seguir o sonho individual.
É um Destino quasi, concentrado e rumorejante, de um momento para o outro crescendo, implacavel.
A principio é o cansaço do heroi, a sua entrega á fatalidade das turbas e á dificuldade da vida em moldar-se ao que ele sonhara.
As vozes caem, lentas

GAM

exitante, a procurar no chefe a certeza que não tem

Rei,
os homens estão cansados.
Vai acontecer o mesmo que na expedição...
Mas tu és um grande chefe!
No entanto os homens estão cansados...

VADJAB

Gam tem razão, ó chefe, eu sinto-o,
os homens desesperáram de tudo.

TÉRAN

lento; um abandono de amargura e sarcasmo e indiferença

E a coragem dos desesperados é enorme, não é, chefes?...

GAM

Téran, isso queria eu dizer,
mas não que tu os não podesses dominar.

A tua vontade saberia até vencer
as coisas que o Céu ordenou.

VADJAB

tremente

Eu confio em ti, ó Rei,
mas pareceu-me sentir na Horda
aquela raiva desesperada que me venceu na floresta.
Ha um momento em que ela rompe, e eu sinto-o,
não sei porquê, chefe, mas sinto-o.

MOWN

Sim, chefe,
os homens estão cansados.

TÉRAN

Porem, Vadjab,
tu não tinhas em ti a certeza inabalavel!
A Horda não te obrigou a recuar:
arrastou-te no seu mêdo, na sua raiva,
fizeste parte da revolta com ela,
foste um chefe na turba!

VADJAB

Sim, Rei, isso é verdade!
Eu soube caminhar a teu lado

na floresta que temêra como chefe.
Mas Dóhun teve de marchar sósinho
porque sentiu que o matariam se teimasse.
Ó Rei tu conheces os perigos. Ter-me-has a teu lado!...
Mas a Horda está cansada!

TÉRAN

E tu mesmo, Vadjab,
e vós todos, chefes,
não estareis cansados?
Cansado!... Tambem eu Vadjab, tambem eu estou cansado!

OS CHEFES

num pasmo de incredulidade

Tu, Téran! Tu, Rei!

TÉRAN

Eu, homens.
Tão longe! Tão longe!
Escutei o sonho da Horda.
Fi-lo maior em meu sonho.
Ensinei-lhe o caminho e servi-lhe de guia e de chefe!...
Estaria a vida mais forte do que nunca no meu coração!

Mas ha outra luta, outra, e eu estou cansado,
cansado dela.
Não é o caminho, chefes!
Se eu podesse dizer á Horda:
aqui está o vosso bem;
eu sou o unico chefe que vos póde salvar;
sofrei e segui-me, vencerêmos emfim!
Oh! se a Horda fosse um sonho meu apenas!...
Mas não!
E esta resistencia de todos os momentos.
Esta turba
indocil ao grande sonho, e que não sábe o que quere;
mas que luta sempre, sempre,
para não sentir outro querer!
mesmo quando parece apoia-lo!
Este dominio constante!
Cansado, Vadjab, percebes que esteja cansado?

VADJAB

Não sei, Téran.
Tu pensas mais longe do que todos os homens;
não te entendo!

TÉRAN

Pensa, nas batalhas,
no cansaço de apertar o punho do gladio

para que êle se não escape, e dê os golpes que nós
queremos.
Quantas vezes o sentisteis, chefes!...

OS CHEFES

Téran, é verdade!

TÉRAN

É isto, chefes. Um cansaço sem alegria.
Ao menos
ao cansaço dos golpes
nasce o sangue e a alegria.
Troquei o meu gládio por outro maior,
e cansa-me mais!

MOWN

Falas da Horda, chefe?

TÉRAN

Da Horda, sim, Mown.

MOWN

Mas não o deixarás fugir?...

TÉRAN

erguendo-se num impeto, a fatalidade da sua força no olhar

Mas não o deicharei fugir!
O punho do gládio está magoado, a minha mão está
 magoada,
mas não o deicharei caír.
Talvez eu caia, homens;
mas ao aperta-lo com a morte...
sabeis? a crispação é o peor!
Mas posso là pensar em larga-lo!...

MOWN

na cega admiração do heroi

Tu és sempre o chefe. Serêmos contigo!

TÉRAN

deitando-se, no mesmo gesto do sonho indiferente, antes da acção

Que pensas fará a Horda, Gam?

GAM

Senhor perdôa,
mas a Horda tentará a revolta.

TÉRAN

Oh! Oh! A Horda terá uma vontade!
Será quasi um chefe!
O gládio terá um sobresalto proprio!
Oh! queria ver, Gam, queria ver!
Não admirais uma coisa que está fora
da natureza da Horda, da vida de todos os dias?

num gesto de orgulho

Porque eu sou um chefe!
E se a Horda se revolta contra um chefe forte oh!
merece-me!
Admiro-a porque tambem é forte.
Estou satisfeito, chefes, estou satisfeito!

MOHOR

Arriscas a vida e o teu sonho, ó Rei!

TÉRAN

O meu sonho, Mohôr, o meu sonho.
Mas tambem tu pensas que a Horda
se revoltará contra um chefe forte.
A revolta da turba é, quasi sempre,
um presente dos chefes,
que temem ou amam demasiado a turba!

MOHOR

Téran,
tu sabes os perigos e os trabalhos.
Tu sabes o peso
que tens de manter para o dominio!
Não tens tu visto o cavalo bem domado exaltar-se
com a força?
Ó chefe, tu sabes isto,
porque pões a incerteza em nossos corações?

TÉRAN

rindo

Tens razão, Mown, tens razão.
Eu conheço
a alma da multidão; ela gosta de agitar-se
e não gosta de caminhar.
Agitar-se e ter um inimigo. Eis a sua alegria.
E que o inimigo esteja de cima!.
Mas eu estou cansado. Não vos disse que estou cansado?
Por isso penso mal.
É preciso ser forte para pensar bem!

erguendo-se altivo com a força do seu orgulhoso desdem, que fazia o seu sarcasmo

Mas o momento chegou, chefes, o momento chegou.

Tambem vós tivesteis mêdo que vos abandonasse,
que fosse cansaço o meu sentimento;
ah, dizei!
que eu tambem estivesse incapaz,
triste, ante uma luta maior do que eu!

OS CHEFES

Não, Rei, mas a nossa confiança vem de ti.

TÉRAN

o mesmo cansaço indiferente

Chefes, é a forma da luta.
Eu já vos disse! É talvez
têr de a repetir mais outra e outra vez!

orgulho crescendo

Mas que importa?
A luta sou eu e qualquer coisa
deante de mim! a floresta? a Horda? que importa?
Tendes razão, chefes, a Horda está cansada
e combina a sua raiva contra nós.
Daharm e Vanhôm estão entre êles,
para saber o que imaginam e o que vão fazer.

OS CHEFES

Tu sabias, Téran! Tu já tinhas preparado a defeza.

Tu adivinhaste antes de nós. Sabes vêr no futuro.
És grande, és grande, ó Rei.

TÉRAN

Tendes confiança em mim, chefes?

OS CHEFES

Sempre, sempre, ó Rei.

TÉRAN

Mown, tu irás sem que te vejam chamar Daharm e Vanhôm.
Sê prudente.
E tu, Gam, chamarás os teus homens que estão na floresta.

sentando-se e sorrindo com a mesma indiferença de vencido.

Vêde, chefes, mesmo cansado é preciso lutar!
Porquê?

O GRANDE SACERDOTE

que longamente o olhara sempre

Tu és estranho, Téran,
sempre foste estranho! Porque lutas, diz?

TÉRAN

Quem sabe, Pae?
O sonho domina-me. Ele quere dirigir a vida.
É o seu destino.
Por isso eu devo dirigir a vida, e lutar para o conseguir.
Ha muitas coisas que eu sei, e mais ninguem!
Só eu sei a razão de certas coisas,
porque fui eu que as sonhei.
Se desistisse, Pae, não era uma traição?

O GRANDE SACERDOTE

É só isso, Téran?

TÉRAN

rindo

Tu sabes mais do que as minhas respostas.
Não, Pae, não é só isto. É tambem,
uma vontade de lutar, egual ao sonho.
É um amor que existe em mim e aumenta a minha vida.
Vê como eu sou fraco que nem o posso dominar!

O GRANDE SACERDOTE

E o amor pela Horda, Téran?

TÉRAN

Tambem, Pae. Mas acaso
posso eu separá-lo do meu sonho e da minha fôrça?
Tenho um amor que não sabe
pensar no bem ou no mal
que ela sente, ou que lhe posso causar!
Um amor que só pensa em fazê-la realizar o meu so-
nho!
Já pensaste, ó Pae, se isto era verdadeiramente amor!?

O GRANDE SACERDOTE

religiosamente

O Céu sabe o caminho porque leva
os seus filhos ao grande fim,
e a maneira
como aproveita o teu sacrificio!

TÉRAN

Mas já pensaste no meu amor pela Horda? Ó Pae,
eu não o sei distinguir do meu sonho e da minha força
Nunca decerto imaginaste
que eu podesse amar os seus sofrimentos ou as suas
alegrias...
Ha um amor pela Horda
que a vê maior que as suas turbas, que os seus homens.

Eu sou estranho, Pae, porque este amor tem muito de raiva!

O GRANDE SACERDOTE

Sim és estranho!... mas grande!
Tu és grande, e levarás a Horda para o ocidente.

TÉRAN

Sim, Pae.

rindo

Mas estou cansado, vês, estou cansado!
Imagino que estou morto

ante um gesto de descrença

Sim, tu não entendes!
Vê tu como os homens são.
Vêem um homem forte
e imaginam-no incapaz de cansaço e de sofrimento!
Desconfia dos fracos que julgues assim, ó Pae.
Cansado, sim. Cansado de ser forte! Cansado de ser chefe!
Cansado, cansado, morto...
sôbre a terra... morto.
Queres ouvir a canção, Pae? Sinto-me assim, sou eu, Pae.

Eu a morrer!...

Acompanhado duma plangência monótona e baixa entôa a canção do Grande Guerreiro, morto, contra a terra, a vibrar em morte exagerada como o sonho, como a fôrça. Todo o seu sonho de excesso, toda a sua vida se escôam no canto que vai subindo, dominando, ultimo, irreal.

Ele torna presente a morte, a morte da batalha, a morte esplêndida e gloriosa, a morte vingança da Vida sôbre a Sombra.

É o divino por fôrça do canto presente aos homens—os chefes—que escutam pálidos e trementes. É a certeza intima que permite os combates de todos os dias.

O canto é alto e esplêndido; sombrio, depois, de profundidades desconhecidas.

Sinto o meu corpo caído,
Deitado num areal,
As pernas já dentro de agua
A cabeça no juncal...
Com sete chagas no peito!
Qual será a mais mortal?...
Por uma entra-me o sol,
E por outra entra o luar.
—Corre o sangue, corre a luz,
Não se podem separar!—
Pela mais pequena delas
Um gavião a voar!
— Vôo de azas, vôo de azas
De aguias negras a passar!...
E córvos... córvos... e córvos...
Dentro em meu peito a voar!...

. . . .

Mas pela maior de todas
Toda a Noite quere entrar!
— A Sombra que entra em meu corpo
Para consigo o levar...
Cresce a Noite... cresce a Noite...
Meu corpo aberto a alargar!
E' preciso que se alargue
Para a Morte nele entrar!
Ser do tamanho da Morte
Para á Morte o entregar!

. . . .

Milagre! O meu corpo morto
Ainda a tremer, a falar!
Tem toda a Morte no peito
E a viver, a soluçar!
O meu coração — tão grande —
Não o pode abandonar!
Nem as sete feridas todas
Podem deixa-lo passar...
— Quem te fez assim tão grande,
O' coração, para mal?!...
Tenho toda a Noite em volta
Não o consegue abraçar!
Tenho todo o peito aberto
E ele a sofrer, a lutar!

. . . .

. . . .

Só se a Morte, só se a Morte
O quere para em si palpitar!

. . . .

Ha um silêncio de alturas infinitas, um silêncio incompreensível, trágico, para os homens, que apenas lutam e sofrem.
Téran ficou extático ante o sonho inexpresso na vida, misterioso, inconcebivelmente grande — É o primeiro a falar, a aproximar o sonho da vida.

TÉRAN

um misticismo imenso no olhar

Ó Pae,
vês porque eu sou obrigado a lutar?
Um coração grande, grande, grande!
Ó Pae, será isto uma fraqueza
que eu não possa querer a minha vida, que eu não
possa descansar?
Mas que importa? Ah! que importa? É o coração que
manda!
Como poderia deixar vencer-me
pela vista que se encanta,
as minhas lágrimas que correm quando o coração se
aperta e diminue!?
Ah! como?... pelo misero corpo
que não quere mais tortura?...

O GRANDE SACERDOTE

Decerto é à inspiração do Sol, a inspiração divina
que manda em ti.

TÉRAN

A inspiração divina! A inspiração divina!
Oh Pae!
mas porque segue ela apenas o meu sonho,
e me leva para o bem como para o mal?
Mas que eu saiba! ah! que eu saiba o que é justo, o
que é bom!
Se devo obedecer a essa fôrça divina;
se as minhas acções de bem ou de mal não são mais
do que a areia que o vento soprou!
Ou se elas vivem, vivem,
e escurecem ou iluminam o meu corpo ante o Céu?
Que eu o saiba ó meu Pae!
Pois como posso eu decidir? na luta saber o fim?
O que santificarei ó Pae?

UM CHEFE

mais afastado

Ó Rei, os chefes, Gam e os outros, veem ahi.

TÉRAN

num sobresalto inconsciente

Vamos saber quando começa a luta.

O GRANDE SACERDOTE

Eis a resposta, Téran, a resposta que tu querias!

TÊRAN

É a resposta da vida, Pae,
não a minha resposta!
Mas saberemos, saberemos.
A luta nos ensina;
ela nos mostra o fundo que em nós manda.

Gam e os outros chefes Mown, Daharm e Vanhom aproximam-se pela direita, vindo dos limites da floresta a ocidente.

MOWN

Caminhámos para o norte como se fossemos ver os
homens que estão de sentinela!
Lá encontrámos Gam; démos depois a volta pela floresta!

GAM

Os homens veem todos ahi, ó Rei!

É o filho de Toho que os reune!
É um fiel, saberá morrer!

TÉRAN

Desanimaste da vida! Tão grande é o perigo, ó chefe?

Percebe-se nos quatro chefes o terror da multidão revoltada, a visão dos grandes passos implacáveis, da raiva contida das feras dominadas, cruel e vingativa, espesinhando, insultando, diminuindo para se sentir elevada e egual.
O numero rouquejante a distancia parece-lhes invencivel, quasi um destino, artificialmente contido (porque herois?! porque chefes?!) mas que tudo subverte e arrasta na sua força! Não é melhor o caminho? mas a força parece-lhes invencivel! E tremem: eles que já souberam escolher um heroi.

GAM

Senhor vão revoltar-se; são imensos!
que farás tu, ó Rei?

TÉRAN

Vence-los, chefes!

DAHARM

Ó Rei, eu não temo. A morte é sempre egual
quando dada pelo inimigo!

Que me importa que ele seja de dentro da Horda?
Eu não temo! Mas eles estão decididos à revolta.
São muitos, Rei, mas peor, teem uma só vontade.

TÉRAN

Porque não atacam então, Daharm?

DAHARM

Senhor, a sua exaltação é imensa! Apenas esperam um pretexto.

TÉRAN

Eis o que eu imaginava! Esperam um pretexto?...
Falta-lhes a coragem.
Não a coragem do combate, ó chefes, não a coragem dos golpes, mas a coragem do querer!
Ah! quem precisa de um pretexto
para fazer triunfar a sua força,
para dominar as outras, más ou boas?...
O pretexto é o medo de querer!
São as multidões, chefes, são as multidões.
Matam-me se poderem dizer que sou cruel; menos ainda,
só saberão responder a um gesto!
Não condenam a vida, mas condenam um gesto.

Falta de coragem, chefes!
E se eles ainda não ousaram
matar-me no seu coração,
como poderão matar-me na verdade?!
Ó chefes, o que custa mais
é matar alguem na sombra dos nossos sonhos.
Ó chefes, não saberiam revoltar-se!...
mas devem ter um chefe... Talvez Ohorns!

VANHOM

Esse é, Téran. Arrasta a turba,
dizendo que perdeste a Horda.
Não fala de ser rei mas da vingança
de todos contra ti.

DAHARM

Que podia ter salvo a Horda, mas tu o impediste.

TÉRAN

Sim, esse é perigoso.
Tem a vontade da sua vingança, a raiva
do coração vencido.
Esse saberá querer!
É perigoso o homem que não tem força para o mando,
que não póde cumprir o destino da Horda,

no lugar do Rei,
mas que se lembra de ter sido Rei.
É perigoso o Rei
ou o filho de Rei que o não póde ser,
mas que morde a ambição, sem sonho que a domine.
Sim, Ohoms saberá querer;
mas a sua vontade será precipitada,
e arrastada de violencias;
e enganar-se-ha.

Ouve-se um longo rumorejar de gritos e exclamações abafadas que vêem da turba, ao fundo.

OS CHEFES

Senhor, ei-los! gritam a revolta! Ei-los, ó Rei! Ei-los!

TÉRAN

Não, chefes!
teem coragem de revoltar-se mas não de querer a revólta.
Ohoms será capaz de os comandar no combate
mas não de o querer!
Podemos dominá-los... mas não marcharão!

DAHARM

Ó Senhor!
por traz de Ohoms ha um chefe novo, que pouco fala;
é ele que conduz os revoltados!

TÉRAN

Ah! eis o perigoso, ó chefes;
esse tem só a força da ambição.
É perigoso!
Quere ser rei só por ser rei. É um forte.
É capaz da decisão. Depois nada faria:
não tem sonho e o seu poder vem da multidão.
Mas é capaz de destruir os outros chefes!
Deve ter enfraquecido o Rei ante a multidão!
Que diz ela, chefes?
Deve gritar o que ele murmura!

DAHARM

Falam outra vez em dividir as armas
e os alimentos que restam.

TÉRAN

Ah! Ah! teremos a revolta,
sim teremos a revolta! E que mais chefes, e que mais?

VANHOM

Gritam contra ti, ó Rei!
As mulheres que lhes mataste os filhos;
os homens o seu cansaço e o horror da floresta!
Ó Rei, és o culpado
de tudo, para eles!

TÉRAN

Ah! teremos a revolta, teremos a revolta.
E é dificil dominá-la assim!
Podeis tentar o combate, ó chefes?

GAM, MOWN e outros—TAMUR

que entrou com os guerreiros

Podemos, Rei; somos poucos homens
mas todos fieis e acostumados com a Morte.

DAHARM

Temos uma certeza;
eles são incertos como um bando de lobos.
Emquanto te virmos, ó Rei, o que poderemos temer?
Nós temos um chefe. Eles não.
Venceremos contigo, ó Rei! Manda o combate.

MOWN

Esqueces os chefes deles!

DAHARM

Acaso valem Téran?

MOWN

Não, Daharm; Téran é grande e é forte.
Mas a turba quando se revolta

imagina os seus chefes enormes e fortes.
Só os conhece depois.
Por isso eles servem para a revolta!

TÉRAN

É assim, Mown, é assim!
Mas os chefes da revolta são ainda multidão.
Parecem grandes chefes, á multidão, é verdade, sim!
Servem para a revolta!
Mas as suas almas não sabem mandar!
Se a multidão tem, uma vontade eles a saberão conduzir,
mas se não tem, não saberão dar-lha.
Serão como ela incertos ante um perigo desconhecido.
Apenas, figuras da multidão, apenas.

GAM

Tu só és grande, ó Rei! Vamos contigo ao combate.

MOWN E OS OUTROS CHEFES

Sim manda o combate, Rei, manda o combate;
nós venceremos, Rei, nós venceremos contigo!

O GRANDE SACERDOTE

Nunca a multidão te poderia vencer, Téran.
Tu sabes ser Rei, temos confiança em ti!
Como poderias ser vencido? A multidão
não sabe vencer um Rei que seja forte!

OS CHEFES

Ao combate, Rei, ao combate!

TÉRAN

Sim chefes conto convosco, e venceremos!

OS CHEFES

Téran é Rei! Téran é Rei!
A Horda ouvirá: Téran é Rei!

Um silencio da Horda acompanhou-os, depois um grande rumor de combate.

TÉRAN

Sim, chefes,
venceremos a revolta! Mas os homens não marcharão
ou marcharão mal! E muito tarde, só muito tarde!
E é preciso marchar, chegar á terra, a ocidente.
O meu sonho não pede o dominio; .
o meu sonho apenas quere ser feito pela Horda.
É preciso que eu a leve á Terra Sagrada!
ou serei um vencido, mesmo Rei!

OS CHEFES

Obriga-los-hemos a marchar, ó Rei!
A tua vontade deve ser a vontade da Horda.
Marcharão chicoteados!

TÉRAN

Assim será, ó chefes.
O sonho da Horda é superior a tudo. Marcharão!
Mas toda a força deles será perdida!
Obrigo-os a marchar, mas o meu sonho
não será vivido por eles!
Ó chefes, é preciso
obrigar os homens a viverem um sonho!
Não o compreendem? não o compreendem?!
mas vivem-no com a sua força.
Quando não se pode, ó chefes! obrigam-se os homens a seguir o que a força quere!
Mas é diferente, é diferente!
Domino a força. Gasto-me a dominar a força.
Para conseguir uma coisa que eu sonhei possuida inteiramente.
Ah! se eu podesse obrigar os homens a viver o meu sonho!...
Porque eu não quero
que a sua força suba até ao meu sonho,
mas que o viva, o faça caminhar.
Não haverá meio
de chamar essa força, sem a diminuir?...

MOWN

Que queres fazer, ó Rei?

TÉRAN

Primeiro, provocar à revolta! É preciso que haja a
revolta.

GAM

Acautela-te, ó Rei. É melhor ataca-los de surpresa.

TÉRAN

É preciso vencer a revolta e não os homens!
Os homens teem paixões;
podem ter a do meu sonho, como teem a da revolta.
Não é os homens mas esta paixão que eu quero vencer.
Não a evito já? Vencê-la-hei!
Vamos fazê-la, para a vencer, para podermos
sentir a victoria e não esta resistencia.
Ah! Ah! quereis a revolta? Faço-a eu!
Ides vêr, ides vêr.
Faço-a eu. Serei o Rei da Revolta!
Tambem caminharei assim: Rei da Revolta!...

O GRANDE SACERDOTE

Acautela-te, ó Rei;
vais deixá-los pensar em vencer; é perigoso.
Porque não lhes mostras já o dominio?
Que queres fazer? porque te arriscas?

TÉRAN

Pae, quero mostrar-lhes uma paixão maior,

Talvez me sigam de novo, talvez...
A revolta esquecerá.
Mostrar-lhes-hei o sonho...

O GRANDE SACERDOTE

É perigoso, ó Rei;
deixas o gládio,
para mostrares á multidão o que ha dentro do teu peito!

TÉRAN

numa exaltação

É isso, Pae, é isso! O que ha dentro do meu peito.

O GRANDE SACERDOTE

Acaso a turba tem olhos
para ver o que tu sonhas?
Vais entregar-te por um engano!

TÉRAN

Talvez, talvez... mas pode reconhecer
a força do sangue; e escutá-la!
É perigoso é, ó Pae.
Vamos deixar ouvir os gritos da revolta
aos homens fieis.
Mas é preciso tentar, é preciso tentar.

É o dominio melhor e devemos tentá-lo.
Quero os homens voltados todos para mim.

O GRANDE SACERDOTE

Que te importa a forma porque o teu sonho se realiza?
Que importa, se o podem fazer, que vão vencidos e
arrastados?

TÉRAN

Seria eu só a realizar o sonho.
Com força, sim, pois os levaria a todos!
Mas ele é para ser realizado pela Horda,
não por mim!
Um homem o cria mas a Horda o deve realizar.
Os sonhos que eu realizo, ah!... são outros.
Não me ouviste falar em cansaço?
Outro sonho mais alto o cansára da vida; ao meu co-
ração.
Este, é o Destino da Horda;
apesar do Sol o ter mandado através de Téran!
Não quero uma vida perfeita de dominio, ó Pae,
mas que o meu sonho palpite na Horda inteira!

OS CHEFES

Não ordenarás o combate, ó Rei?!...

TÉRAN

Sim, chefes, ordenarei o combate; mas no fim.
Será então mais dificil. Talvez alguns homens nos deixem!
Quereis combater assim?

OS CHEFES

Ó Rei, combateremos contigo, sempre,
e venceremos, ó Rei!

TÉRAN

Deixai ficar poucos homens mas que todos sejam fieis.
Uns arrastariam os outros.
Combateremos, chefes, e venceremos!
Gam, tu és valente.
Vais dizer á Horda que vamos marchar de novo; imediatamente.
E que todos os homens venham ouvi-lo de mim!

OS CHEFES

Senhor! que vais fazer? virão matar-te,
Pérdes-te, ó Rei!... Pérdes-te!...

TÉRAN

Confiaes em mim, chefes?
Combateremos com eles. Aprestai-vos.

E tu, Gam, vai:
diz à Horda que Téran quere levá-la para ocidente!...

Gam dirige-se, hesitante mas forte, para a Horda, que não cessou de murmurar, roucamente, na sombra do fundo.

O GRANDE SACERDOTE

És estranho, ó Rei, és estranho.
Para ti o dominio vale menos que o teu sonho.
Não te entendo bem!
Que queres tentar? A multidão ameaça-te.

TÉRAN

Sim, Pae.
A turba não sabe o que é o sonho. A turba
só corre atrás de miragens.
Mas a estas não pode ela vencer, ó Pae!
Procura resistir:
uma miragem agitada deante dos seus olhos,
que seja nova, que seja forte...
E ela caminhará atrás do sonho
que cria as miragens e levanta as paixões.

Sobe um grande rugido feito de todos os gritos da multidão estalando a sua raiva; depois cai.

TÊRAN

rindo

Gam está a acossar a fera!
Quem vê muito sangue não sabe ver bem, ó Pae!

Um uivo formidavel, feito de milhares de vozes, de cóleras, de cansaço, e de dôr, sinistro, longo--depois o tropel da multidão; os passos crescendo, formidaveis; os gritos já distintos no seu isolamento:

Á morte! Á morte!! Á morte!!!

Gam chega no meio dos primeiros homens cheio de desprêso, forte, um chefe na batalha. São primeiro os chefes da revolta: Olhoms, Osrog, outros.
Depois a massa: guerreiros, mulheres armadas ou soluçantes, velhos, crianças, e mais homens, mais mulheres, milhares de blasfêmeas--a revolta.
Toda essa marcha acaba num gesto de ameaça, formidavel, mas hesitante, quasi incerto.
Têran espera-os á frente dos chefes. Não parece que o seu mando é disputado: é o Rei obedecido; forte mais do que um homem.

TÊRAN

Ó homens, ides marchar!

Um silencio tragico: depois um grito, depois outro, e a turba inteira rompe num clamor.

A TURBA

Não! não! Á morte.
Queres perder-nos. Queres perder-nos,
queres perder a Horda! Á morte! Á morte!! Á morte!!!

Um vulto de mulher destacou-se, á direita, da multidão das mulheres que seguiam a revolta, e, dolorosa, tremente, avançou para Téran; a ameaça da morte exalta o seu amor, dita-lhe as palavras.

NELEM

Senhor, deixa-me estar junto de ti,
no sofrimento e na morte, senhor!...

Téran tem um gesto vago, ternissimo de acolhimento; o vulto da mulher cai sobre os joelhos, e fica tremente, ancioso, atrás do Rei, quasi entre os chefes.

TÉRAN

Homens, caminhareis para ocidente!

A TURBA

Nunca! Nunca! Morrerás tu! Nunca!

TÉRAN

Homens, caminhareis!
não podeis voltar.
Lembrai-vos do que vos espera,

Recordai. Recordai, as dores, as amarguras.
Recordai na vossa carne,
recordai no vosso coração. Recordai.
Ambos estão cheios de dor.
Lembrai-vos. Lembrai-vos do caminho percorrido,
os combates, os mortos, a floresta inimiga, o vosso
tremor na floresta da sombra,
o vosso medo, ó Homens!
Não podeis voltar!

Por um momento a visão das forças da fatalidade em volta domina os homens na sua luta, na agitação com que tentam resolver a vida; um alarido de gritos, de choro e de raiva.

A TURBA

Desgraçados, desgraçados! nunca mais veremos a terra
livre,
a terra livre sob os nossos passos.
Sempre! sempre!
Teremos de lutar contra a terra que nos vence,
que nos desampara!
Ah! miseria, miseria;
para trás é a floresta, a sombra, os pantanos,
os dias de fome e de sêde, a morte, a morte...
ah! a morte e a dor!
Mas foste tu, tu, ó Rei, que nos trouxeste,
que nos arrastaste com as tuas palavras!
Desgraçados!

Tu és o inimigo, tu és o culpado, o culpado, o inimigo
da Horda.
Á morte! Á morte!

Rugem ameaçadores a sua raiva, que foi crescendo.

TÉRAN

Sim, Homens!
Quem, se não eu, podia arrastar-vos?!
A Horda era o monte de folhas no outono,
quieta ou rumorejante como elas.
Quem as soprou pelo mundo, ó homens, senão eu?
Eu fui o vento sôbre as folhas medrosas!

A TURBA

Miserável! miserável! És o génio mau da Horda!

TÉRAN

Mas trouxe-vos tão longe, ó homens, que não podeis
voltar atrás!
Ah! Ah! sei fazer o que quero.
Cumprireis o meu sonho ou morrereis todos aqui!

Todos os gritos de revolta são ainda hesitantes, covardes os seus gestos; por cima do chefe ha um desconhecido atroz, a extenção incerta do seu desastre e da sua miséria.

A TURBA

Ah! Desgraça, desgraça,
Mas foste tu, foste tu; morrerás primeiro.

TÉRAN

O chefe deve ir adeante dos seus homens.
mas morrereis todos, todos...

A TURBA

numa miragem de delirio

Ah! tem pena de nós, Senhor! tem pena de nós.
Porque nos matas? Perdão, Perdão.

OSROG

Não o escuteis, homens. Mostra-vos a morte
para dominar as vossas vidas.
Desconfiai dele, desconfiai.
Ele nada pode.

ALGUMAS VOZES NA TURBA

hesitantes

Quem sabe? quem sabe? ele às vezes grita para o sol...
Fala para o sol! Ah!, quem sabe? pode talvez matar-nos.

OSROG

Nada pode, homens.
Matai-o e vereis correr um sangue igual a todos os sangues.
Á morte!

OHOMS E OUTROS

Á morte.

TÉRAN

sorrindo

Morrerás cêdo, chefe! O ambicioso
é o homem da sombra,
e tu mostras-te demais à luz.
A ave da noite para combater com a águia
precisa da muralha da noite que esta não sabe romper.
Onde estão os teus olhos capazes de olhar o sol?

OSROG

O' Homens!
A Horda pode matar os seus Reis quando quizer.
O que são os Reis? chefes que obedecem
à Horda. Chefes escravos.
Podeis matá-los.

TÈRAN

Menos do que isso, ó chefe:
apenas homens fortes que sabem esmagar.

OSROG

Podeis mata-los.

O GRANDE SACERDOTE

iluminado

Homem, o teu coração
é um sêco areal de ambições e blasfemeas.
Para seres o chefe enfraqueces o seu poder ao teu al-
cance.
Negas a virtude do sangue! ámanhã negarás o Sol!
onde te levará, onde? o vento que tudo arrasta?
Mas eu já te vejo! Eu já o vejo, Homens.
Ah! miséria de ti,
em breve, muito em breve,
o teu sangue correrá por sôbre a terra.

A TURBA

delirando o terror do mistério, da morte que a domina e parece obedecer aos chefes que ela combate.

Oh! oh! oh! desgraça. O feiticeiro esconjurou a morte!
Vai-nos matar, vai-nos matar!
O' perdôa! perdôa, ó Pae! perdôa, ó Rei!

OSROG

Acalmai-vos! Acalmai-vos! O céu está comnosco!

A TURBA

Ah! miséria! miséria!

TÉRAN

Ouvi, homens! Não podeis recuar,
toda a Horda morreria antes
de chegar à planicie.
Mas se ficais morrereis aqui todos, todos.

OHOMS

Tu antes que nós!

TÉRAN

Sim, Ohôms, e tu serás rei! Ouvi, Homens!
Só ha uma maneira para fugir à morte,
uma unica, de salvação!
É a marcha para Ocidente, o caminho que não conhecemos.
Só êsse!
É incerto... incerto... mas só êsse...
Mas pode ser terrivel, terrivel...
Talvez seja tambem a morte...
O' homens, para que falar-vos de salvação?
É a morte... a morte... Só a morte vos rodeia,

Para o ocidente tambem.
Não penseis em salvação, ó homens, não penseis em
salvação.

A TURBA

sufocada de gritos

Ah! desgraça! Miserável!

O GRANDE SACERDOTE

Senhor, perdes-te. Porque arrancas
de seus corações a esperança cega?
Marchariam contigo, ó Rei.

TURBA

Ah! desgraça!
A Sombra que nos aperta, que nos mata.

TÉRAN

De revolta em revolta, Pac.
Não escondas o perigo para a pequena força caminhar,
mas faz a força tão grande, que possa vencer todos os
perigos!
Marcharão comigo para a morte, ou nada farei.

Os gritos da Turba hesitantes, dolorosos, espaçados, vão-se enraivecendo, tornando ameaçadores.

À TURBA

A morte. A morte
ah, mas foste tu, tu, que nos trouxeste
sempre para mais junto da Sombra,
sempre mais oferecidos á Morte.
Ah foste tu, foste tu. Miseravel!

TÉRAN

Sim, homens, fui eu! O' homens, mas quem vos levará?
quem saberá vencer de novo a Morte?
O' Homens, eu vejo a Morte em torno
mas penso que alguem a poderá vencer!
O' Homens, eu apenas espero outro mais forte do
que eu!
E' preciso marchar contra a desesperança!
Está tudo perdido, mas é preciso marchar e vencer!
Onde está um chefe maior do que eu?
Um chefe! Um chefe!

A TURBA

gritando a raiva e a desilusão

Tu prometeste salvar-nos e faltaste.
Quizeste perder-nos. Porque nos arrastaste?
Mentiste! mentiste! Perdeste a Horda.

O GRANDE SACERDOTE

O' Rei, ofereces o teu logar á ambição.

TÉRAN

Não, Pae.
A sucessão é grande demais. Não terão coragem.
Torno impossivel ser Rei.

A TURBA

Perdeste a Horda.
Tu mentiste para nos arrastar. Mentiste; e morrerás.

TÉRAN

Silencio, Homens!

sarcasmo

Acobardais os chefes. Quem quererá ser rei com essas aclamações?
Deixai aparecer o chefe.
Quem quer levar a Horda para ocidente? Um chefe! Um chefe!

voltando-se para os fieis

Nem vós ousais, irmãos? Gam... Daharm...
levareis o gládio de Téran.

OS CHEFES FIEIS

Tu só és grande, ó Rei. Tu só és grande!

OS GUERREIROS

Tu és o chefe, tu nos salvarás.

TÉRAN

O' Homens, mostrai-me um chefe!
Nenhum aparece? Nenhum aparece?!...
Para que fazeis então a revolta?
Gritais, gritais; lutais dentro da Horda,
ó Homens, para quê?
As vossas forças se perdem sem que continue o caminho.
Ah, decerto quereis saber
quem é o mais forte, como caminhareis melhor!
Quem vos levará, ó Homens?
onde está o chefe que fazeis subir?
Não aparece? não aparece?
não pensais no caminho?
Ah! a vossa revolta será mais vã
do que o sopro dos ventos contra o sopro dos ventos.
Se não arranjar outro caminho para chegar por ele ao
grande Fim
de que serve, ó Homens?!
Se não faz subir um chefe
mais forte para vos levar
pelo caminho conhecido
que faz, ó homens! que faz?
Será mais vã do que os gritos que combatem o éco!
O que fará a Horda, o que fará a Horda vencedora?

Morrerá aqui toda, toda.
Aqui esperará a morte, sem chefes.
Senhora de morrer livre... Se outra Horda não vem
faze-la escrava!
Não tereis chefes, não tereis chefes. Mas acaso
isso vos livra da morte?
Acaso vos ajuda a caminhar?
Sereis escravos dos escravos;
cada um será escravo da multidão.
Os escravos dos escravos!
Não, homens,
vós levantareis um de entre vós. Mas êsse que será?
O seu coração será ainda, como o vosso, incerto!
Sereis vós!
Quereis-me matar a mim? Qureis-me matar?
O' homens, andais a inventar algozes!
Já pensasteis nos chefes que me seguirão?
A pouca segurança dada aos chefes cria alguem que
seja implacavel!
O' homens, eu o sou!
Eu sou o Rei, e vós tremereis ante mim!

OS CHEFES E OS GUERREIROS FIEIS

És tu o Rei! És tu o Rei!
Mata os que se revoltaram ó Rei.
Á morte!
Tu és o Rei. Tu és o Rei.

VOZES DA TURBA

hesitante

— E' o Rei
— Maldito, Maldito!
— E's o Rei, Perdôa-nos. E's o Rei.

TÉRAN

O' Homens, eu chamei por um chefe!
Em volta de vós está a Morte.
Que ela esteja parada ou caminhe, ó Homens,
em tôrno a vós está sempre a Morte.
Ninguem apareceu, ó Homens, nenhum chefe
que vos levasse para o ocidente!
E como poderia conduzir-vos outro chefe?
Eu pensei o caminho, só eu posso ser o chefe.
De que serviria
que imitassem os meus gestos, mais proximo de vós?
Que vós os sentisseis e percebesseis melhor?
É o sonho que deve mandar pela sua propria bôca!
O' Homens, eu sou o mais forte.
Ireis comigo para Ocidente!

OS CHEFES FIEIS

Téran é grande; Téran é Rei.

NA MULTIDÃO

gritos isolados

E' Rei. E' Rei.

OHOMS

numa precipitação de raiva

Tu arrastaste a Horda para o meio da floresta,
e queres acabar de perdê-la! Maldito!...

TÉRAN

em sarcasmo

Tu a encontrarás, Ohôms,
quando chegar onde tu a não soubeste levar,
à Terra Prometida.

OS GUERREIROS FIEIS—VOZES NA TURBA

Sim. Sim: caminhêmos. Vamos para ocidente.
Marcharemos contigo. Tu só és chefe.

OSROG

avançando a evocar a revolta

O' Rei, a Horda tem fome.

O grito acorda na obediencia da multidão, na sua nova miragem a lembrança dos cansaços e da dôr; mas é ao Rei ainda que gritam a sua miseria.

A MULTIDÃO

...Sim, sim, têmos fome, ó Rei, temos fome.
E sofremos, sofremos, ó Rei!
Somos miseráveis mas somos teus filhos, ó Rei.

OSROG

O' Homens, porque pedis e mendigais?
As provisões são vossas.
Porque as guarda o Rei?
Decerto as quere para si!

GAM

Ah! miserável!

A MULTIDÃO

Sim, sim, para que as quere o Rei? Para que as quere?
Queremos dividir as provisões.
Queremos dividi-las por todos, igualmente.

TÉRAN

Que fareis depois, homens?
Não tereis provisões para o caminho.
Todos comerão igualmente,
mas todos morrerão sobre esta terra que não dá mais!

A MULTIDÃO

miseravel de medo

Tem piedade, ó Rei, tem piedade.

OSROG

Irmãos, porque falais assim?
Que vos importa o caminho?
Isso é para os Reis.
E' coisa de Reis.
Esses podem ter sonhos.
Podem fazer da sua vida a marcha para um fim.
Mas vós... vós tendes fome. Fome, gritai-o, fome.

A turba esquece a visão de um ámanhã pior, o seu destino, os males e as esperanças inumeraveis; apenas grita a sugestão de momento.

A TURBA

Sim, a Horda tem fome. Fome, ó Rei.
Queremos dividir as provisões!

OSROG

num grito de sarcasmo para Téran

Ó Rei. E que será dos teus sonhos diante da fome!?

TÉRAN

Ó homens, ouvi!
não podeis aqui viver
e as provisões mal chegam para três dias.
Não se passarão quatro sois sobre a vossa morte, ó homens.

A TURBA

apenas temôr

Ah! miseria, miseria! vamos morrer todos!...

TÉRAN

Só ha um meio; caminhar para o ocidente.
Talvez alcancemos o fim, talvez
a terra seja melhor!

A MULTIDÃO

em gritos, alucinada e submissa

Salva-nos! Salva-nos, ó Rei.

OSROG

Porque falais assim, homens! ao chefe que vos perdeu?
Foi Téran que perdeu a Horda.
Ides entregar-vos nas suas mãos?
Lembrai-vos dos sofrimentos, das torturas.
Foi ele que matou os vossos filhos.
Ele que vos trouxe para a morte.

A MULTIDÃO

evocando toda a dôr que lentamente a espesinhou, numa revolta

Osrog tem razão.
O chefe tem razão, o chefe tem razão. Foi ele que nos perdeu

Quiz perder a Horda, quiz perder a Horda!

OSROG

no mesmo sarcastico grito

E que será do teu sonho diante dos sofrimentos, ó Rei?

TÉRAN

o desdem supremo do criador; deixou de querer arrastar a multidão; é o orgulho da criação gritando-se

Ah! os homens sofrem! Os homens teem fome.
A Horda sofre.
E então? E' assim que é justo!
Que me importa? Que sofram! que sofram!
Sofreis menos seguindo um sonho menor? um sonho
que facilmente podeis fazer?
Sofrei, sofrei! Existo eu!
A minha presença vos condena a um sonho maior!
Pobres de vós, pobres de vós, não quereis sofrer por
um sonho
que não foi o vosso?
Mas tem de ser, tem de ser, homens!
Vós todos caminhais sofrendo para onde ele quere!
Para meu bem, ó Homens? oh não!
Eu tambem sofro, eu tambem sofro!
Mas para conseguir uma coisa
que é maior do que vós, ó Homens!

que é maior do que eu, embora
esteja dentro de mim;
maior do que eu, embora seja eu.
Maior do que aquilo que de mim é possivel na vida.
Porque eu, ah! sou maior.
Mas tem de ser.
E' a justiça. E' a justiça.
Sofrei. Sofrei.

OSROG

Ouvi, homens, ouvi.
Ele quere-vos destruir.
Não respeita nada, quere-vos perder.

A TURBA

no grande côro de revolta, contra o chefe

Sim! Sim! Miseravel. Não queremos sofrer.
Não queremos sofrer!
Que ganhamos nós com isso?
Queres viver do nosso sofrimento?

TÉRAN

altivo e indiferente

Depois vem a revolta. Mas que fazeis com ela?
Dominar o sonho? Sim, ás vezes!

Outras mudar o chefe, que vai depois fazer o mesmo
sonho!
Outras experimentar as forças do mando!
Pois experimentareis as minhas; eu
vos ensinarei a sofrer!

A TURBA

Perdeste a Horda. Sê maldito! Sê maldito!

UM HOMEM

o sentir imediato da multidão

Foste tu.
Trouxeste-nos para o sofrimento! Nós eramos felizes,
porque nos arrastaste para a floresta?

OUTRO HOMEM

a acusação da justiça simplista das multidões contra o chefe que não vence

Quizeste fazer-nos grandes e eis-nos desgraçados.
Podes fazer isto? E' justo? E' justo?
Porque nos trouxeste para a floresta?
Porque nos trouxeste para a floresta?!

TÉRAN

Lembrai-vos das falas dos Deuses:

«Para além da floresta podeis ser grandes:
lá encontrareis a planicie e o mar!»
São as profecias, ó homens.

OSROG

Não ha profecias. Não é a fala dos Deuses.
Tu é que nos obrigaste a sentir assim, a viver o que
tu sonhaste.
Não são profecias, são os teus sonhos.
Eles nos perderam!

TÉRAN

o mesmo grito ínterior de desprêso, índiferença, orgulho dominador

Miseráveis, e que sois vós?
Quem conduz a matilha de cães
que só a fome costuma arrastar?
Que fizeram, miseràveis? Só seguir-me,
caminhar atrás do meu sonho!

OSROG

Tudo isso para seres o Rei.

A TURBA

Sim, foi para seres chefe, foi para seres Rei

que todos os nossos morreram.
Para seres chefe que todos morrêmos!

A turba grita a mesma acusação de sempre, contra todos os chefes, a que amesquinha o seu sonho ao nivel da multidão.

TÉRAN

crescendo para eles ameaçador

Miseráveis!

Os homens recuam

OSROG

Quiseste viver sacrificando a Horda!

TÉRAN

Ah! Tu morrerás!

Com o punhal atira-o morto aos pés

A TURBA

dominada de terror, mas doida de raiva e cólera

Á morte! Á morte!
Á morte o que quer matar os homens;

à morte o assassino.
Maldito. Maldito. Assassino.
Á morte; á morte!

OS CHEFES E OS GUERREIROS FIEIS

avançam para combater a turba que no primeiro momento recua.

Téran é Rei, Téran é Rei.
Á morte os que se revoltam!

São esses os fieis: os que sustentam um sonho antigo no seu ultimo arranco, os primeiros a lutar e a sofrer por um sonho novo, os protectores do heroi.

A TURBA

grita alucinada, recuando ainda, deslocando-se mas oferecendo-se ao combate.

Á morte o Rei. Morra! Morra!

OS FIEIS

Téran! Téran! É grande! É Rei!

A TURBA

Assassino. Assassino. Dá-nos os homens que perdemos,

AS MULHERES

Dá-nos os nossos filhos, que tu trouxeste para a Morte.
Dá-nos os nossos filhos!

NELEM

a sua figura de mulher, cheia de paixão, iluminada

Ele é o Filho, o Pae, e o Senhor

A TURBA

A' Morte o Rei. A' Morte o Rei.

NELEM

Deixa-me morrer junto de ti, Senhor!

OS FIEIS

O Rei é sagrado! Morrereis todos.

TÉRAN

para Nelem

Seja feita a tua vontade, mulher.
E por ela serás feliz.
Morre, é a tua maneira de vencer!

A TURBA

Assassino! Assassino! A' morte.

OS FIEIS

Viva o Rei! Viva o Rei! Mata! Mata!

Avançam heroicos para a turba formídável que os espera, gritando alto, despedaçada de raiva; que abre diante do chefe e dos seus fieis como a grande bôca dos pantanos.

TÉRAN

num grande grito

Suspendei, homens!

GAM

Deixa-nos mata-los, Senhor.
Desobedeceram-te. São a revolta.
Deixa-nos mostrar ás suas carnes que são escravas
daquele que sabe bater!

TÉRAN

Acaso vos falo de piedade pelos homens, ó chefe?

GAM

Então, Senhor?... Somos poucos,
sim, mas não nos aterra a multidão desordenada.
Venceremos e morreremos por ti, ó Rei!
Morreremos todos, mas Tu serás o vencedor.
Conduz-nos á morte, ó Rei!

TAMUR

Ó Rei, conduz-nos á morte!

DAHARM

deitando-se-lhe aos pés

Oferecemos-te a vitoria, Senhor.
Toma-a com as nossas vidas. Mas toma a vitoria, Senhor.

TÉRAN

Ó chefe,
e se a vitoria do momento impede a vitoria do fim?
Eu não desejo a vitoria mais do que a derrota,
o sacrificio mais do que o dominio.
Ó homens, eu quero aquilo que me leve ao grande fim!
Eu não penso na vitoria, mas no fim!
Ó chefe,
ninguem deve querer a vitoria
se ela não ajuda o caminho!
Os vencedores às vezes destroiem o seu sonho!
Ah! eu não desejo a vitoria! Mas lutar!...

GAM

Ó Rei, tu vês o futuro
para o qual os meus olhos são cegos!

Mas os homens em revolta não são homens; são
piores
do que as matilhas de feras covardes,
piores do que o pó, que cega a vista do caminhante!

MOWN

Ó Rei é preferivel morrer
a fazer a paz com homens que se revoltam.

TÉRAN

Falas de inimigos, ó chefe.
Mas estes apenas resistem.
A eles conduzimos, e neles mergulha o nosso sangue.

O GRANDE SACERDOTE

Não queres dominar a Horda, Téran?!

TÉRAN

Quero vencer o caminho e não a Horda.

MOWN

Mas ela resiste, ó Rei; como a levarás?

O GRANDE SACERDOTE

Mas ouve-os, Téran, ouve-os! Quebrarão o teu sonho!
Porque não tentas o sangue?

A multidão não cessou de preparar-se para o combate que espera, em gritos soltos e inexpressos; o nervosismo rouco e quási silencioso dos combates a dominou.

TÉRAN

Não me importa espalhar o sangue, ó Pae!
Mais cruel sou eu arrastando-os para ocidente!
O sangue fará o necessario.
Mas não desejo
fazer almas de vencidos, almas de escravos,
dos homens que quero arrastar num grande sonho!
Como o poderiam fazer, ó Pae?
Devo enfraquecer as armas de que me sirvo?
O' Pae, eis o que eu temo. Eis porque eu não quero
vencê-los.
Os seus corações devem ser capazes de revolta
para serem capazes de aceitar a grande marcha!

O GRANDE SACERDOTE

O que se revolta neles
é a fraqueza, a miséria, a vontade de menos sofrimento!
Ó Rei, não queres vencê-las?

TÉRAN

Sim, a revolta da turba só tem essas razões,
quando não é o aparecimento de novos chefes.

Não apareceram. É essa a revolta.
O chefe forte abafa em sangue as revoltas da turba.
Não se pode acabar com um sofrimento,
acabe-se com aquele que o sofrer!
Mas sentir o sofrimento tambem é uma paixão...
...e o mêdo... e a derrota...
uma paixão que não poderá vencer-se...
O meu sonho passa pelos seus corações!
Não os quero escravos e vencidos!

O GRANDE SACERDOTE

Mas que farás, ó Rei, o que farás?

TÉRAN

Quero a Horda inteira comigo!
Vencerei a sua vontade.
É a sua vontade que eu quero vencer.
São a multidão, são fracos!

A multidão hesitante, medrosa quási do desconhecido, ante aquela paragem do ataque, imagina, no seu simplismo, a cobardia que a não castiga. Rompe em gritos, misturando a raiva, o sarcasmo baixo, o insulto, que as forças eternas, inatacáveis, embora sempre inferiorizadas e dominadas, teem em si contra os herois.

A MULTIDÃO

Covardes, covardes! Assassinos!

— Uh! Uh! o mêdo! o mêdo! uh! uh!...
— Porque não gritais? Porque não vindes matar-nos?
Estamos à espera. Vinde. Vinde.
— Onde está a tua arrogancia, ó Rei?
Encolhes-te. Encolhes-te!

MOWN

Silencio, miseráveis, morrereis todos!

A MULTIDÃO

... Uh! Uh! o mêdo! o mêdo!

UMA VOZ

entoando

É um chacal no combate!

A TURBA

em côro

O mêdo! o mêdo!

OAM

Ouve, Senhor, ouve!
É o castigo que mostra ao escravo que é escravo!
Porque não o quiseste, ó Rei?

O GRANDE SACERDOTE

Pior ainda, Téran! Imaginaram-se livres e fortes,
já combaterão com outra alma! Esse foi o mal, ó Rei.

TÉRAN

Talvez, talvez! Mas quando se é forte...
É sempre tempo de mostrar ao escravo que é escravo!

A MULTIDÃO

os gritos sucedem-se sem cessar, alguns inexpressos, rouquejados

Assassino! Tens mêdo? Perdeste a Horda.
Trouxeste-nos para o sofrimento e a morte.
E tens mêdo da Horda! Tens mêdo da Horda!

DAHARM

Ó Rei, só o sangue nos pode salvar!

GAM

O combate, ó Rei!

TÉRAN

Só o sangue!

ao mesmo tempo caminha, só, sobrehumano de fôrça, para a multidão que gesticula e grita.

Silencio, homens! Sois os escravos dos escravos!
A miseria das miserias!
A vossa vontade sou eu, eu, o Rei.

A TURBA

em gritos isolados, entrechocando-se

... Miserável! Á morte!

TÉRAN

Ó homens, ireis comigo para ocidente!

A TURBA

misturando os gritos de raiva imediata e a sua revolta contra o caminho — o Destino criado por um sonho — que Téran lhes deu

Nunca! Nunca!
Miserável, queres perder-nos!
Á morte! Á morte! Á morte!

TÉRAN

numa exaltação de desdem, de orgulho da sua força, não convencendo, dominando a multidão por um despreso invencivel.

Ah! Ah! quem é capaz de matar um Rei?
Imaginais isso facil?
Quem é capaz de me matar?!

Vinde. Vinde dar-me a morte.
Ah! Ah! quem se atreverá, quem?!
Ireis comigo, ó homens, ireis comigo! ou me matareis!

A TURBA

raivosa

Á morte! Morra, morra!

TÉRAN

Querels matar-me, sim. Então? Então?
Ah! quereis matar-me?!!

No seu gesto desmedido de orgulho avança para a multidão erguendo a espada alto, como quem se atira ao combate; os fieis movimentam-se para o seguir; a turba recua mas levanta as armas e espera, inumera e formidavel.

Tomai o meu gládio! Tomai o meu gládio! Vinde matar-me com ele.
Ah! mete-vos medo?

Estaca formidavel, e, num gesto supremo, atira com a espada para o meio da turba; ela cai no meio das primeiras filas; abre uma clareira de terror.

Quem quere matar-me com o meu gládio?

Ahi o tendes, ahi o tendes! Quem quere matar-me
com ele?

A multidão inteira queda aterrada, rumorejante mas sem um grito, calada de terror; os fieis espantados, esperam, hesitantes.

TÉPAN

crescendo a sua exaltação de orgulho, de isolamento inteiro, de dominio, até ao delirio.

Ah, ninguem quere matar-me?! Ninguem quere ver-me
o coração?!

O seu delirio genial cresce aos sacões, aos gritos, estrebuchando, terrivel.

Ninguem? Ninguem?
Abro eu o peito. Vereis, homens, vereis.

Com o punhal golpeia o peito de alto a baixo, mete as mãos na ferida, alarga-a, procura o coração formidavel e santo.

Ah, nunca viram um coração?! Pobres!
Ides ver! Ides ver!
Ides ver o meu sonho .. Ides ver o meu sonho...

A MULHER E OS CHEFES FIEIS

um lamento, gritado, unico, derradeiro de angustia

Senhor!!...

TÉRAN

Ah, duvidais sempre! Ides vêr o meu sonho...

As suas mãos ensanguentadas, tragicas, arrancam o coração, crispam-se sobre ele, levantam-no ao ar, a toda a altura, como uma alma materialisada em sangue e dôr, feita de todas as torturas mas redentora dos homens.
O corpo da mulher ajoelhada cai para a frente, longo, os braços a todo o comprimento. E' um murmurio a sua voz.

NELEM

Senhor,
a tua vida seja a minha vida, a tua morte a minha morte!
Tu és dono da tua vida
e da tua morte...
mas leva-me, Senhor!

um soluço quasi

O GRANDE SACERDOTE

quasi prosternado, baixo, misticamente

O circulo da cruz, o circulo da cruz.

elevando-se para o coração luminoso e sangrento; enlouquecendo o delirio aos gritos.

Este é o meu sangue! Esta é a minha carne!... o sonho...
Bebei dele todos!...
Tomai e comei, este é o meu sonho!
Bebei. Bebei o meu sangue!
Dele viveis.
Porque não vo-lo hei-de dar todo, todo, se dele viveis?
O' Homens, para eu vencer. Para eu vencer.
O meu sonho! Para ele vencer!
Renuncío a tudo, a tudo, á vida!... a tudo.
Menos a ele, ó homens.
E' ele tudo. E' ele tudo... Para vencer!...
Ei-lo! Ei-lo!
Vêde o meu coração, homens, vêde o meu coração!
Renunciareis ao meu sonho?...
Quem se atreve a negar, quem?
O meu sonho... o meu sonho... É o coração da Horda!
Ei-lo! Ei-lo.

O coração, ao alto, espalha uma luz sanguinea de assombro, um esplendor humano. O milagre prostrou a Horda inteira: alguns homens caiem de joelhos, miseráveis, a chorar... outros quedam, trementes, os gladios pendidos; misticos, os fieis teem mudos

gritos de adoração, caiem de joelhos, aproximam-se, silenciosos — a dôr morreu neles.
A propria imensidade em roda parece mudada; o facho humano iluminou de tragedia as coisas e os homens.

TÉRAN

É o meu coração, o meu sonho. Comei e bebei!
Ó Homens, vós não sabeis, vós não sabeis, não podeis
saber,
mas este é o coração!

Num gesto imenso para a floresta, caminhando, mantendo ao alto com o braço direito, o facho de sangue e genio.

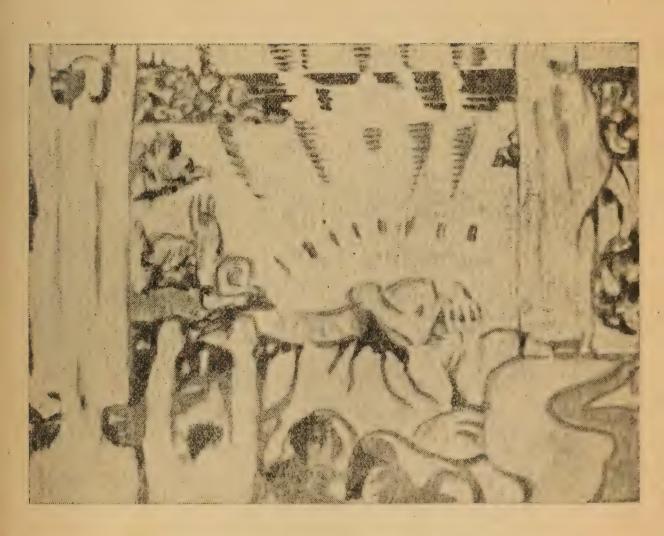
Este é o coração! Segui-me. Segui-me.

Todos os homens num misticismo formidavel se erguem, maravilhados, novos de fé e alegria, e caminham atrás dos seus gestos.

Vêde:
o coração acende o caminho!

Segui-me! Segui-me!
Eu sou o vosso guia. Eu sou o vosso guia.
Vêde a terra, ao longe... oh... ao longe...

Os homens entram na floresta, para ocidente, arrastados pelo coração tragico de luz. Por muito tempo se ouve o rumorejar que se afasta.

Caiem homens, mulheres, crianças, ninguem olha, ninguem vê! Os passos sentem o misterio a percorrer — a floresta, os pantanos, a montanha, — mas os corações estão maravilhados!... Caiem mais homens, mulheres, crianças... os mortos do caminho... mas sente-se a marcha irresistivel, eterna, sacrificadora das miserias transitorias.

...Milagre !
...gestos rituais e gestos despedaçados, a religião dos homens, que compreendem e sofrem, inermes ante a criação.

ACTO TERCEIRO

A terra suprema—altar dos homens—cheia de serenidade e de paz. Para a direita, a oriente, os limites da floresta, já espaçadas as arvores, abraçando o ar e a luz.
Um planalto que desce levemente para o ocidente e para o norte--ocidental. Depois um vale. Depois colinas, vales, descendo amorosamente. Ao longe um halo de maravilha—o mar!
A terra inteira tem a beatitude divina e criadora.
Crepusculo. A maravilha das côres etereas, diafanas, poeirentas de misterio, da costa ocidental.
Não ha sofrimento na morte do Deus. A sua morte é uma transfiguração. Ha uma beatitude tragica.
A vida quedou-se... Apenas a passividade e o silencio divinos.
Um rumôr longinquo... vai crescendo, distinguindo-se. Da floresta, á direita, desce a fôrça implacável — o Homem. Milhares de passos crescendo. A rouquidão dos gritos — cansaço, gloria, o presentimento do triunfo,—um rumorejar de força e de tragedías.

Os passos vão-se aproximando da solidão divina.
Sentem-se... Ei-los!

No planalto livre, surge e, cambaleando, avança a figura do Heroi, corpo de delirio. Os braços já encurvados, como a querêrem crucificar-se sobre o peito, levam á frente do corpo martir o coração cheio de luz.
Atrás desemboca a Horda:—figuras de cansaço e triunfo delirante, iluminadas pelo genio.
Um grito do Heroi. O clamor da Horda.

TÉRAN

O Sonho!...

A HORDA

O Mar! o Mar!

Alguns homens caiem de joelhos, outros choram, outros gritam alto o triunfo do sangue

Alegria, alegria, ó Sol! Alegria.
Estamos na Terra Prometida!
A Terra junto do mar.
A Terra Prometida. A Terra Altar do Sol!

O chôro das mulheres, um chôro de ternura infinita, eleva-se e recai.

O Mar! o Mar!
O Céu é pae. O Céu é pae.
O Sol protegeu-nos.
Gloria! Gloria! Gloria! Estamos na Terra Feliz.
Téran é mais do que Rei. Téran é filho do Sol!
Gloria! Gloria!
A Horda pode viver satisfeita, na grande alegria, na
    Terra Feliz.
Realisou-se a profecia, ah! Gloria! Gloria!

Os gritos dos homens prolongam-se, infinitos.

O heroi, nêsse delirio, queda um momento extático; avança passos cambaleantes face á luz infinita.

TÉRAN

O Mar!... O Sonho!... Maravilha!!
Venci, ó homens!
Ah, é preciso viver!... Quero viver!
Vêde o sonho, o sonho!... outro sonho!
É preciso que eu viva! O sonho é tão grande!
É preciso viver!...

As suas mãos enclavinhadas, trágicas, apertam doidamente o coração contra o peito, para fazê-lo entrar na chaga aberta.

Ah! entra em meu peito. Anima-me de novo, coração.
Viver! Viver!
Oh! a doçura do coração que bate, do sangue que corre, oh! Viver. Viver!
Sim, quero viver.
Entrará outra vez a vida em mim?
É sentir-me nascer, já conhecendo a vida.
Outra vez, outra vez, ah! ah! viver...

As suas mãos manteem fechada a bôca sangrenta que recolheu o coração, mas no seu corpo aniquilado entra a irremediavel tragedia da morte. Um grito.

Ah! não.
Sinto, sinto: o meu coração é já a morte.
Subiu demais, talvez, para viver. Foi já tragedia.
E' a morte, oh, a morte, a morte!... Não mais o sonho.
Cairei sobre a Terra. Vou entregar-me ao seu sono.

Ó Terra, eis o teu filho!
Coração! coração! aqui tens a tua Mãe.

A Horda inteira quedou-se extática, o seu delirio de triunfo esquecido pela tragedia do Heroi.

Viver!... Ah! Ah! A vida. Eu vivi toda a vida...
Eu vivi toda a vida! Sou maior do que a vida.
A vida esgota-se. Tenho que morrer.

A HORDA

Não, não.
Perdôa, ó Vida, ó Céu, ó Pae.
Não, não. Ó Sol, salva o teu Filho.
Salva Téran, ó Sol! ó Sol! ó Sol!

TÉRAN

Fui a fonte que corre sem contar!
Bebei! Bebei! Bebei!
E eu mesmo bebi, insaciavel. Fui uma sêde que não
cança.
E ainda tenho sêde de vida. Tenho sêde.
Tenho sêde. Tanto sonho ainda!...
O meu sangue! Bebei! Bebei!
E toda a Horda bebeu da minha vida, do meu sonho,
do meu sangue!

num arranco, cambaleando

Ah! morro...

OS CHEFES

acorrendo, estendendo os braços, hesitantes de misticismo

Senhor! Senhor!

A HORDA

inteira, gemendo o seu desamparo de homens

Ó Sol, mata-nos, mata-nos, mas salva Téran.
Salva o Rei, salva o Rei, salva o teu Filho!...
Ó Sol, salva o teu filho. Mata-nos!

TÉRAN

erguendo-se a toda a altura, num sobresalto de força, numa exaltação de orgulho

Ah! bebi da minha vida, sim, do meu sonho. E morro!
Mas que importa? Venci, venci, ó Sol, venci!

E o que é a vida? o que é a vida? A vitória de um
sonho!
Podia, eu acaso,
viver outro sonho, ó homens, podia?
Ah, não! não! não! O primeiro
não teria sido então bastante grande para encher toda
a vida!
Ah! encheu-me a vida! Encheu-me a vida! Vou dá-lo
á morte!
O meu sonho!... vou dá-lo á morte!

O irremediável paira sôbre a Horda e rasga-a de um choro violento de gritos.

A HORDA

Perdão. Perdão. Perdão.
Ó Sol, salva Téran. Salva Téran, salva o nosso Pae.

TÉRAN

Ah, não temo.
Eu não morro. Eu não morro! É a vida que morre
para mim.

Vós, chorai, vós, chorai!...
Eu tambêm choro a vida, o sonho da vida.
Oh! a vida é tão grande! O sangue da vida é divino...
Mas quero a morte! A morte deve ser...
ah! deve ser imensa!...

A figura da mulher, os chefes, os sacerdotes, o grande sacerdote, avançam, caiem de joelhos. Quási atrás de Téran, a Horda inteira grita o terrôr e a desgraça·

A HORDA

Ah, poupa-nos Senhor, poupa-nos. Nós ficaremos sós.
Tu és grande. Serás tambem grande na morte! És grande!
Que te importa a vida ou a morte?
Terás sempre em ti toda a vida e todo o sonho.
Mas poupa-nos. Sômos fracos. O que será de nós?
Ó Sol, tem piedade! O que será de nós sem ti?
Ó Sol, salva Téran.

TÉRAN

crescendo o delírio em gritos roucos

Ah, a morte .. O sonho... O sonho sempre!

A morte custa tanto! Mas rasga mais o mundo ante
o meu sonho.
Álem! Álem! Eu vejo o mundo já outro...
Álem... vêde... O mar.

Enlouquecido, numa melopeia

A voz rouca do Destino,
Contra os homens a ralhar.

A HORDA

tornando tangivel o espectro evocado pelo Heroi

Perdão. Perdão, Senhor!
Atentámos contra ti chegando á Terra Prometida.
Desejámos demais.
-- Cumprimos as tuas profecias, ó Pae.
Cumprimos apenas as tuas profecias, ó Pae, ó Pae.

TÉRAN

O Destino... Não! Não! O Sonho!...
É só o Sonho que nos leva, ha só o Sonho sobre o
mundo.

Vou com o Sol... sôbre as águas...
Vou com o vento de luz, por sôbre as águas...

Ah... êste caminho!... ah!...
. . . .

Irei. Irei. É preciso passar a morte, mas irei, ó Sol!
Morte!... Morte!... Morte!!! Oh, Morte!...

Outro sonho, outro sonho...
Mais longe... mais alto!...
Sangue! Sangue! Ó luz!
Morte, para mim não és a sombra! Nem vejo a sombra!
Ó morte, eu me entrego á luz.
Vejo luz, luz. Tanta que os olhos cegam de sonhar.
Ah! Sóes... Sóes... muitos Sóes.
Os corações a arder. Os corações a arder.
A terra inteira dansa, ah!...

O Sol mergulha no horizonte num delirio tambem.

Meu Pae, meu Pae, porque me abandonaste?
Vou contigo...

Não espero a morte! Entro nela.
Ó Morte, és um esplendor! Ó Morte, és um esplendor!

Ó Pae, espera. Vou contigo... ó... Pae...

Avança três passos mas estremece para caír; num arranco, abraçando a imensidade.

O meu coração na Morte...

Ah é assim... a Morte... não ter limites... o meu coração.
Não sentir o peito! Não sentir o fim...
Ah! o meu coração... sempre... um... esplendor!...

O seu abraço atira-o contra a terra, os braços imensamente alargados — morto. O coração desprendeu-se ao cair e, esmagado, foi uma grande erupção de luz que levantou ao Céu míriades de estrêlas. A erupção derradeira do sol acompanha o coração do homem, que se esfolhou.

A HORDA

num delirio mistico enquanto alguns homens acorrem ao corpo

Milagre! Milagre! É Deus. É Deus. Milagre! Foi para
o Céu!
Olhai o Sol! Olhai o Sol!
É como o coração de Téran!
Téran! ó filho do Sol,
É Deus. É Deus! Deixou o corpo, foi para o Céu, para
o Céu...
Era o Sol! Milagre. É Deus. É Deus!
Era o Sol. Era o Sol.

Ó! Sol, ó coração sangrento de Téran!

Deu-nos a Terra Prometida! Só o Sol o podia fazer.
É Deus. É Deus!
Foi o Salvador, foi o Salvador.

NELEM

o seu corpo prostrado, todo tremente, os cabelos sôbre a terra que o sangue divinisou.

Tu eras para mim a Terra Prometida!
E o meu caminho estava percorrido de há muito, oh,
Senhor.

Que farei?
Ah, leva-me contigo!
Alcançaste o teu fim e a morte!
Porque sobrevivi ao esplendôr?...

num grito

Ó Deus, ó Deus leva-me,
sou a tua escrava, mas leva-me! Ah, Senhor...

Os chefes erguem o Corpo, junto do qual a figura prostrada da mulher espalhava a ternura infinita.
Sereno, a sua face voltada para o céu, os seus olhos imensamente abertos, ficam a encher de misterio o horizonte. Em volta, gestos rituais e gestos despedaçados, a religião dos homens, que compreendem e sofrem, inermes ante a criação.

A TURBA

Porque nos deixaste, Senhôr?!

MOWN

Tu eras o forte, eras o Deus.

A TURBA

Era o Deus. Téran! Téran!

VADJAB

O Deus, o Deus. Quem poderia vencer a floresta?

A TURBA

Porque nos deixaste, Senhôr!?

VANHOM

Ó Senhor, iluminaste a Morte, iluminaste a Morte
para todos os homens.
Acabaste com as trevas. Salvaste os nossos corações.
Não mais há mêdo. Saberemos vencer na Vida e na
Morte.
Iluminaste a Vida e a Morte, ah, Senhor!
O que seremos sem ti?
As nossas vidas serão trevas.
Erraremos ao acaso, sem ti, ó Rei! Ó Deus!
Téran, filho do Sol!

Tu foste o coração que me animou, o coração que animou a Horda inteira.

OS SACERDOTES

alucinados de misticismo ritual

Gritai, gritai, gritai funebremente.
Deixai correr as lágrimas, despedaçai-vos em gritos.
Morreu para nos salvar!
Chorai, chorai, a sua morte.
Ó Deus, ó Deus!...

A Turba inteira exclama e geme

VANHOM

Tu, que arrastaste a minha indecisa vida;
Tu, para quem eu fui uma espada, ó Deus!

VADJAB

Os nossos passos serão incertos!
A nossa desgraça chorará sôbre o mundo.

MOHOR

mistico

É como um homem guerreiro, mas é o que tudo pode!

OS SACERDOTES

no misticismo das ressurreições

É a nossa gloria. É a nossa gloria. Foi para o Céu.
Cantai um canto novo de vitória!
Ó Sol, apareceste aos teus filhos.
Gloria! Gloria! Gloria! Ó Deus!

A TURBA

Téran! oh, Téran!

O GRANDE SACERDOTE

Quem dentre os homens se te pode comparar?
Quem dentre os herois é semelhante a ti, Senhor?
Quem é semelhante a ti, que és magnifico em santidade,

que és terrivel nos teus milagres,
e doce no teu sacrificio?
Foste, pelo teu sonho, o chefe dos homens. Eles te
fizeram sofrer.
Mas, por tua misericordia, foste
o Sofredôr e nos resgataste....
E pela tua fortaleza nos conduziste á Terra Sagrada.
E pela tua morte
ante-mostraste a Terra dò Céu.

A TURBA

Senhor, Senhor, protege-nos.
Protege-nos. Oh, protege-nos, Senhor!
Por onde passem os homens, que tu possuiste em teu
coração, protege-nos, Senhor!

MOHOR

mistico

Ele reinará eternamente e além da eternidade.
Morreu para se aumentar.

A TURBA

É Deus! É Deus! É Deus!
Morreu por nós! Morreu para nos salvar! Morreu para
nos salvar.

DAHARM

arrancando-se ao desespero

Miseráveis. Sacrificaram-no. Mataram-no.
Mataram o Deus vivo! Mataram a vida matando-o
Mataram o Deus vivo.

MOHOR

Cala-te, irmão. Todos os seus gestos Ele os quiz.
A vida só é grande completa.
Poderia só a vida com o seu sonho? Ele o quiz.

GAM

Sim! Deixa adorar a Horda, que o matou. Ela o matou,
mas Ele aceitou o sacrifício.

Mas que tambêm no sacrificio vençá.
Deixa adorar. Assim Téran
continua sendo o Rei, nunca mais deixará de ser o Rei.
E todos os chefes que seguirem viverão
do seu sonho de Deus!
Ha sempre o primeiro sonho, que só um Deus sabe
criar.
É o primeiro que tudo anima.
E todos viverão dêsse primeiro passo. Continuarão o
seu sonho...
até que outra vez Téran,
até que outra vez um heroi apareça sôbre o mundo.

A TURBA

messianica e delirante de esperança

Ele há-de voltar. Ele há-de voltar.
Foi para as outras terras do Sol. As terras perdidas no
mar...
Mas há-de voltar, há-de voltar!
No seu corpo ou noutro, há-de voltar. Há-de voltar.
Há-de reaparecer entre os homens. Quando o sol
assim estiver de novo.
Há-de voltar. Há-de voltar.
Está encoberto,

nas terras de oiro, no meio das águas.
Mas há-de voltar!!...

OUTRO CORO DE VOZES

mais heroicas

Nós iremos encontra-lo.
Nós iremos encontra-lo. Para alem das aguas!...
Na terra de alem, onde foi viver.

MOHOR

num misticismo imenso, procurando a fôrça superior ao gesto, que passou, cômo todos os gestos sobre a vida.

Oh, o seu explendor! Téran, Téran!
Ó Heroi.
Nunca o vi tão belo, tão grande.
Devia morrer. Devia passar a morte para subir.
E eu vi o Sol, escorria sangue! E o coração, apenas luz!...
Ah, assombro!
Qual era o Sol, qual era o Sol?

Ó Téran, ó chefe, ó Deus,
Tu és o coração de tudo!

A TURBA

em côro

É o Sol. É o Sol.

DAHARM

Eras Deus na vida. Ó Téran,
ó Homem, porque te mataram?
Quem te entendeu? Quem te entendeu, ó Rei?
Não te vi eu chorar por esta vida?
Caminhaste por ela para o Sol. Foste a vida que vence...
Foste o sonho...
Porque te mataram?
Ó Deus, quem te entendeu!?
Miseria de nós, quem te entendeu?!

O GRANDE SACERDOTE

Nenhum de nós, ó chefe! E para quê?
Pensou êle nisso? Impôs-se e passou!

Nós apenas sentimos a grandeza. E que não era igual
a nós,
e por isso devia mandar.
Passou... É Deus!

A TURBA

É Deus. É Deus.

MOHOR

extático

Sangue, sangue, sangue, ó Deus!
E os teus gritos, os teus gritos, e a tua maravilha
nêsses olhos que já viam a morte!...
Eras um heroi ainda maior.
Apenas gritaste a luta. Oh, Téran!

uma exaltação

Sim, sim, a luta! És Deus. A morte...
a morte... é uma luta maior.

Cai junto do corpo, adorativamente.

DAHARM

seguindo o misticismo de Mohôr

É o Homem. É o Deus.

A TURBA

O Filho do Sol. O Filho do Sol.

DAHARM

Malditos! Não é assim. O Deus desceu aos homens.
Não é apenas Deus...
Era mais... sim, mais do que isso...
sofreu.

A TURBA

em delirio, ameaçando colérica

Negas Téran. Negas Téran. Negas o Deus.
Morrerás.

DAHARM

Malditos!

O GRANDE SACERDOTE

numa grande paz ritual

Calai-vos, irmãos!
Porque tentais vós explicar o que é superior aos homens?
Pois todo o homem tem o sofrimento comum.
E o seu sofrimento era diferente, outro, outro...
não o sofrimento dos homens — o sofrimento de um homem.
É homem, mas tudo nêle é já diferente.
É homem, pois o seu sonho em nós vive.
Mas como julgar com o nosso sonho o que lhe é superior?
É o nosso sonho, mas já tão alto que o não vemos.
Que não vemos naquilo em que se inspira dos Deuses e da Terra,
no que é do Céu.
Vêde o Sol sem o explicar.

para a Horda mística e delirante

Ó Homens, Ele é Deus! O sangue o marcou. Venceu.
Foi para o Céu.

A TURBA

Foi para o Céu, sim!
Téran! Téran.

O GRANDE SACERDOTE

Ó Homens, na paz e na guerra Ele nos protegerá.
Jurêmos sempre por Ele! Que Ele inspire
os chefes e os homens. Por ele caminharemos.

O seu sonho não tem fim: é caminhar.
Que nos proteja, sempre!

A TURBA

Sim! Sim!
Proteja Téran os seus filhos... Sempre!

Os chefes colocaram o corpo de Téran sobre uma padiola de lanças e sobre ela o levantam. E' uma elevação de tragedia. Mistica e alucinada a Horda inteira ajoelhou.

A HORDA

Ó Deus! Ó Deus! Protege os teus filhos.

O GRANDE SACERDOTE

Ó homens, vinde!
Vamos depô-lo junto do seu sonho....
no fim da terra!
Segui o corpo de Deus.

Os chefes, em silencio, misticos de espanto, colocaram aos hombros a cruz de lanças sobre que vai o corpo do Heroi, e, lentos, começam a descer para a noite enorme. Junto, tocando as lanças, apoiando-se, o corpo da mulher, ancioso de morte, pálido... um gesto de ternura a acompanhar a Morte.

NELEM

num soluço

Todo o meu amor... Todo o meu amor. ..

A Horda segue-os agitada de prantos e adoração. Vozes soluçantes, arrastadas, solitarias, caiem no silencio da ultima luz.

A HORDA

Protege-nos, Senhor!... Perdôa...
Téran, ó coração do mundo!
Ó Deus! Ó Deus!!...

Para a imensidade do sonho desce o corpo morto do Heroi.